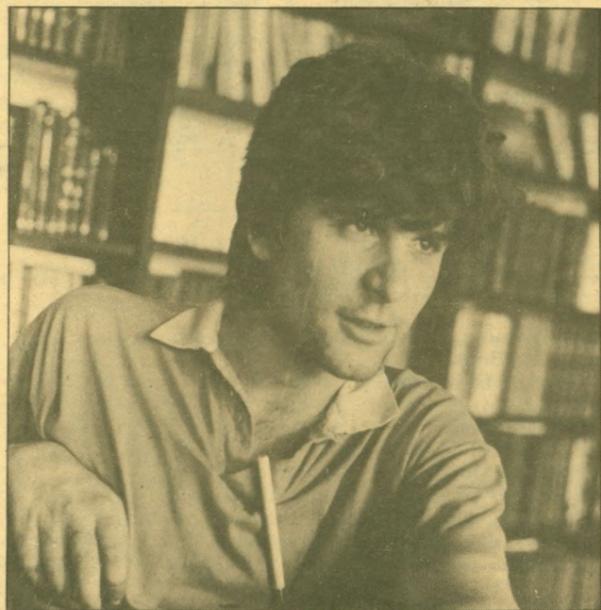
jornal da UNICAMP

Campinas, Março de 1987 Ano I — N.º 7

A UNE aos 50: um olho no passado, outro no futuro

Em véspera de fazer meio século, o movimento estudantil brasileiro já tem uma tradição a cultuar, mas busca seu lugar no presente histórico e novas bandeiras para o futuro. Página 3.

Marcelo Paiva relembra os 'velhos' tempos de Unicamp

Um papo descontraído com o escritor sobre educação, literatura, política e vida estudantil. Página 6.

As perspectivas para a Educação, segundo o ministro

Jorge Bornhausen acha que o país ainda investe pouco em Educação, mas reconhece que a questão é qualitativa. Página 4.

Túlio conta suas aventuras pelo mundo

Aos 24 anos, ele recebeu seu canudo na Unicamp e resolveu botar o pé na estrada. Página 7.

Opinião

Vestir a camisa da Universidade

Paulo Renato Souza

Neste início de ano letivo, faz bem o **Jornal da Unicamp** em preparar uma edição quase toda dedicada aos temas estudantis. Para uma publicação que se quer voltada para a sua comunidade de leitores, nada mais lógico que refletir a atmosfera ambiente e a pulsação do momento. E o que pulsa e faz subir a temperatura universitária, neste mês, não é outra coisa que não o retorno dos nossos alunos.

Quando se fala em retorno, há que se pensar também naqueles que aqui aportam pela primeira vez, vindos de um vestibular que procurou privilegiar a capacidade de reflexão e as aptidões individuais. É gente séria e competente, esta que se junta agora à comunidade discente. Merece respeito e o terá. Bem a propósito, recomendo que leiam, no corpo desta mesma edição, matéria sobre o perfil do novo aluno da Unicamp.

Quando o escritor Marcelo Paiva, um ex-aluno da Unicamp e hoje personalidade nacional, diz que o ensino universitário precisa reformular-se, não se trata absolutamente de uma crítica vazia. Sua entrevista é uma lição de realismo e demonstra que os jovens sabem ter opiniões sensatas sobre questões complexas. Nosso empenho até aqui, para encontrar soluções novas para situações antigas, tem sido real e muito em breve contamos colher os frutos desse esforço. Temos já em mãos, por exemplo, um levantamento circunstanciado das deficiências de nossa graduação (posso garantir que não são poucas) e é por aí que começaremos. Esperamos conferir ao ensino de graduação o mesmo prestígio que, há anos, experimentam os nossos cursos de pós-graduação.

Entretanto, como se sabe, tampouco o sistema de pós-graduação pode-se considerar em níveis adequados. Um leque de propostas inovadoras foi encaminhado recentemente ao MEC pelo nosso pró-reitor para a área, o primeiro a reconhecer que há problemas. São contudo problemas que devem ser resolvidos em consenso com as autoridades educacionais, e não por esta ou aquela universidade isoladamente. Também esses problemas merecerão, daqui para a frente, uma atenção especial de nossa coletividade.

À parte isso, é preciso não subestimar a capacidade imaginativa de nossa jovem universidade e especialmente a flexibilidade de que ela é capaz. Temos cerca de duas mil pesquisas em andamento e a qualidade de seu ensino não está abaixo de qualquer outro. É possível sem dúvida vestir a sua camisa com absoluta dignidade. Os alunos que retornam já o fazem há algum tempo, os que entram certamente o farão a partir de agora.

Paulo Renato Souza, economista, é reitor da Unicamp.

Quando a Une era o quarto poder

Fernando Pereira

Minha participação no movimento estudantil aconteceu numa época em que a União Nacional dos Estudantes era considerada o "quarto poder da República", e o presidente Juscelino recebia a qualquer hora os líderes estudantis com abraços e um sorriso largo, pois a simpatia e a afabilidade foram os ingredientes hipnóticos com que o presidente conseguiu apaziguar as Forças Armadas e mobilizar as parcelas mais esclarecidas do povo e os setores mais dinâmicos da economia para seu projeto de desenvolvimento, cujo ponto de partida foi a conquista do Oeste representada pela construção de Brasília.

Naqueles idos de 1959, quando eu ocupei a secretaria de Imprensa da UNE, existiam apenas uns 120 mil universitários em todo o Brasil, o que equivale a dizer que entrar numa Universidade significava pertencer a uma "elite" privilegiada e legitimada a "sentar à mesa" com os governantes, os quais, se não amavam a UNE, pelo menos temiam a sua capacidade de influenciar a opinião pública e de seduzir a "classe média" de onde se originava a maioria dos dirigentes estudantis.

É muito difícil imaginar hoje o nível de participação política que a UNE tinha naquela época, mas posso dizer que o movimento estudantil tinha a audácia de uma CUT, e a mesma vocação popular da chamada "igreja das comunidades de base", e ajunte-se a isso um certo "amor febril pelo Brasil" que vinha dos tempos não muito distantes em que a UNE participou da luta contra o nazifascismo.

Em cada cidade onde existisse uma Universidade, os estudantes tinham a simpatia do povo por causa do radicalismo moralista com que combatiam a corrupção e os famosos "trotes de calouro" deixavam em pânico os responsáveis pelos escândalos políticos, econômicos e morais.

No Rio de Janeiro de então, até um quilo de carne mal pesada num açougue do bairro do Meyer levava qualquer dona-de-casa a telefonar para a UNE exigindo a intervenção do "quarto poder", e eu me lembro que durante a minha gestão nunca paguei as corridas de táxi do aeroporto Santos Dumont para o velho prédio 152 da praia do Flamengo, quando o "chauffer" descobria que eu era da diretoria da UNE.

O prestígio da UNE vinha desde que os Universitários se alistaram para combater na Segunda Guerra Mundial, seguindo o impulso político que Osvaldo Aranha deu no alinhamento do Brasil ao lado dos países "aliados" já em guerra contra a Alemanha de Hitler.

Depois veio o movimento pela redemocratização de 1945 e foi a morte do estudante Demócrito de Souza que fez desencadear a crise que derrubou a ditadura do "Estado Novo".

Uma boa dose de ingênua e estóica bravura cívica, cultuada numa tradição de luta passional, fazia do líder estudantil a imagem de um reformador social e a semelhança de um cavalheiro quixotesco.

Mas o visionarismo era o componente carismático que enchia de lirismo romântico o perfil generoso do líder universitário e o ingrediente utópico das grandes causas assegurava à UNE uma auréola do prestígio popular e de respeito nacional.

Entretanto, a juventude, talvez por razões endocrinológicas ainda pouco estudadas, como se a sociedade tivesse no jovem uma espécie de "glândula tireóide" em permanente e virulenta secreção, representava uma fonte de dinamismo e ao mesmo tempo um fator de perturbação orgânica.

E a juventude, como toda adolescência, que é universal, volta em todos os tempos a viver os mesmos problemas existentes em violentas crises de valores, os quais são diferentes em cada geração.

Por isso é que não se pode comparar nem medir a juventude de hoje pelos mesmos valores do passado, mas é verdade que tanto a juventude de hoje como a do meu tempo de UNE sentem a mesma vontade espiritual de transformar o mundo, e tanto no passado como no presente a juventude sempre atualiza um problema irremediável que, para mim, é produto de uma necessidade afetiva de crer no futuro e uma dificuldade dilacerante de acreditar que houve um "paraíso perdido" no passado.

A juventude tem no corpo e na alma as condições físicas e morais para buscar esse "paraíso" além do horizonte, e não é por outras razões que o jovem é mobilizado para as guerras ou manipulado para conservar a "idolatria" do imobilismo senil através da dopação viciosa de drogas e mil e uma alucinações comodistas e atualmente consumistas.

Hoje, que ocupo uma função de professor universitário e tenho um filho de 14 anos que em breve pode entrar numa Universidade, acho necessário, oportuno e justo que os antigos dirigentes da UNE aproveitem o "espaço democrático" para uma reflexão sobre o nosso tempo de juventude, do qual o movimento estudantil foi, certamente, uma fase saudosa de generosidade e sentimentos nobres.

É tempo de se delatar os erros cometidos e isso implica voltar ao passado, prosseguir no presente e avistar um futuro cada vez mais próximo da paz anunciada pelos Profetas da Bíblia.

Fernando Pereira, professor de estética da UFPA, foi secretário de imprensa da UNE em 1959.

As lições do novo vestibular

Jocimar Archangelo

O fato de não ter havido modificação significativa no "perfil socioeconômico" (veja matéria na pág. 9 desta edição) do aluno que ingressou na Unicamp este ano, em relação ao ano passado, quando os exames foram realizados pela Fuvest, não pode ser tomado, simplistamente, como fator de redução do êxito de nosso vestibular.

Evidentemente não poderíamos esperar que o fato de a Unicamp ter modificado sua sistemática de acesso tivesse o poder de alterar a composição socioeconômica do grupo de candidatos. E nós nunca tivemos essa pretensão.

O que se buscou atingir com os nossos vestibulares foram objetivos muito mais modestos, embora extremamente importantes para a Universidade em particular e para a educação brasileira em geral.

Segundo a Portaria 250/86, o Concurso Vestibular da UNICAMP/87 tem por objetivo selecionar candidatos adequados ao perfil do aluno desejado pela Unicamp, verificar o domínio do conhecimento adquirido no ensino de 2.° grau, avaliar a aptidão e o potencial dos candidatos e influenciar no redirecionamento do ensino de 1.° e 2.° graus. E esses objetivos evidentemente estão sendo atingidos. Os nossos vestibulares estão repercutindo não só junto ao ensino de 2.° grau (e são inúmeras as manifestações de educadores de todo o Estado de São Paulo, sobre isso) como também junto às mais importantes universidades do País.

Na Usp, em recente debate entre a professora Marilena Chauí e o professor Gianotti, nosso vestibular foi apontado como um passo importante no sentido de a Universidade contribuir positivamente na alteração dos rumos do ensino do 2.° grau. No Rio, as Universidades Federal, Estadual e Fluminense estão organizando seus próprios vestibulares, utilizando-se apenas de questões expositivas e redações, como nós.

Da mesma forma como a centralização e a imposição dos testes de múltipla escolha como único instrumento de avaliação favoreceram a generalização das distorções hoje verificadas, a aplicação de novos modelos como o da Unicamp fornecerá novos sinais e respaldo para os educadores e as escolas que acreditam que o ensino de 2.° grau deve ter como objetivo criar condições para o desenvolvimento das múltiplas capacidades de inteligência e não somente a da memorização.

Quanto ao perfil do aluno desejado pela Unicamp, temos alguns índices bastante favoráveis. Por volta de 70% dos aprovados em todas as áreas conseguiram resultado superior a 50% na prova de redação da primeira fase, demonstrando boa capacidade de expressão e organização de idéias; cerca de 40% participam de atividades artísticas ou culturais; 43% têm na leitura seu passatempo predileto; 70% dominam completa ou razoavelmente uma ou mais línguas estrangeiras.

São alunos que vêm para a Universidade em busca de sólida formação profissional (45,6%), atraídos pela qualidade dos nossos cursos (42,39%) e pelo alto conceito de que a Unicamp desfruta.

Considerando ainda que os aprovados foram os que demonstraram maior conhecimento sobre o conteúdo das disciplinas de 2.° grau, acreditamos ter selecionado, dentre os candidatos que se apresentaram, os mais próximos do ideal traçado pela Universidade.

Jocimar Archangelo é secretário executivo da Comissão de Vestibular da Unicamp

jornal da UNICAMP

Uma publicação da Universidade Estadual de Campinas
Reitor: Paulo Renato Souza
Coordenador Geral da Universidade: Carlos Vogt
Pró-reitor de Graduação: Antônio Mário Sette
Pró-reitor de Pós-Graduação: Bernardo Beiguelman
Pró-reitor de Pesquisa: Hélio Waldman
Pró-reitor de Extensão: José Carlos Valladão de Mattos
Pró-reitor de Desenvolvimento: Ubiratan D'Ambrósio
Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13.081, Campinas, SP. Telefone: (0192) 39-3134/39-3148. Telex (019) 1150.
Editor: Eustáquio Gomes
Redatores: Amarildo Carnicel, Antônio Roberto Fava, Graça Caldas, Marcus Vinicius Ozores.
Fotografia: Antoninho Perri
Diagramação: Amarildo Carnicel
Past-up e arte-final: André Iani e Clara Eli Salinas
Serviços Técnicos: Sônia Regina T.T. Pais e Clara Eli Salinas

A UNE, quem diria, chega aos 50

Pelas suas fileiras passaram nomes como Ulisses Guimarães e José Serra. Numerosos constituintes de hoje foram, no passado, homens do palanque estudantil. Criada em 1937, na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, a UNE completa em agosto o seu cinqüentenário. O marco das comemorações será o lançamento do livro A UNE e o SNI, escrito a várias mãos pela atual diretoria da entidade. O acontecimento vai assinalar também a deflagração de uma campanha nacional para a reconstrução da sede da UNE no mesmo local do antigo e famoso QG da Avenida Beira-Mar, onde a entidade viveu seus momentos de maior fastígio.

Neste meio século de vida, a história da UNE freqüentemente cruza-se com a própria história política do país. É uma história de vibração e coragem, mas também de algumas contradições. A entidade começou cortejada pelo Estado, é verdade, mas logo tornou-se um dos focos mais nítidos da resistência civil. Viveu momentos de legalidade e ilegalidade. Em 1968, em Ibiúna (SP), recebeu um duro golpe ao ter suas lideranças dizimadas pelo regime e 900 de seus militantes presos e tratados como delinqüentes.

Outra vez na legalidade, a entidade busca novos caminhos. Já não tem as bandeiras dos anos 70 e, tal como ela, a própria sociedade civil se reorganiza. Os tempos são difíceis, porém estimulantes.

Fonte: Revista Repórter.

No Congresso de Ibiúna, 1968, a UNE vive seu momento mais dramático.

Esfacelado, o movimento só começou a recompor-se em 1969, em Salvador.

Ao lado da reconstrução da sede própria da Une, na praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, a atual diretoria da União Nacional dos Estudantes — presidida por Gisela Moulin Mendonça — pretende atuar diretamente com os constituintes. Os estudantes querem ter voz na elaboração da nova Carta. Para isso, montaram um verdadeiro QG (quartel general) em Brasília. Os membros da diretoria da Une pretendem, de acordo com um de seus diretores, Gábio José de Oliveira Araújo, 23 anos, criar um clima de autêntica confraternização na entidade, que chega aos 50 anos, segundo ele, "lutando pelos interesses dos estudantes e pela democratização do país".

Como o ano está girando em torno da Constituinte, a Une pretende juntar força em torno dos seguintes pontos: a melhoria do ensino, a manutenção e a ampliação do ensino público e gratuito, ensino público noturno, a permanência da indissolubilidade de ensino e pesquisa nas universidades, as eleições diretas dos dirigentes universitários, participação estudantil de 1/3 nos órgãos colegiados das universidades e a ampliação das verbas para a educação, através da reforma universitária que está em curso.

Entretanto, para não fugir à tradição de participação política da entidade, a diretoria da Une pretende também mobilizar suas bases em torno de quatro outros grandes temas em consonância com a sociedade civil: reforma agrária, suspensão do pagamento da dívida externa ("até que o povo decida sobre seu próprio destino"), redemocratização total do país e redefinição do papel das Forças Armadas, que, na opinião da entidade, "deve garantir e resguardar as fronteiras nacionais e não mais se imiscuir na política interna".

Reconhecendo que o papel de estar à vanguarda dos movimentos populares já não lhe pode mais ser atribuído, Gábio José acha que o movimento estudantil tem hoje outra função. "Deixou de ser a referência principal dos movimentos populares para assumir mais intensamente sua próprias lutas pela melhoria do ensino", afirmou. Isso não significa, porém, para ele, estar de fora dos grandes temas nacionais.

É exatamente pensando na reformulação do ensino brasileiro que o diretor da Une explica a postura da entidade: "Achamos que deve haver uma reformulação completa do ensino desde o 1.º e 2.º graus até a universidade. É nos primeiros níveis que se dá o processo de elitização do ensino do país, ou seja, é a partir da deterioração das escolas públicas que se processa sua substituição pelas particulares".

A diretoria atual da Une propõe uma mudança radical na estrutura curricular das universidades, que, segundo Gábio José, deve ser mais voltada à realidade nacional. É sua opinião, que a universidade que aí está é fruto do regime militar, "que privilegiou interesses tecnológicos desconectados da necessidade nacional". A Une prega que a pesquisa na universidade seja atendida com 2% dos recursos do PIB, além de 5% dos **royalties** enviados pelas multinacionais a suas matrizes. E, para a educação como um todo, quer um mínimo de 12% do orçamento global da União e 25% do orçamento dos estados e municípios.

A eleição da atual diretoria foi realizada em clima de muita contestação por lideranças estudantis de diversos DCEs do país. Denúncias de fraudes nas eleições freqüentaram a grande imprensa, mas não chegaram a abalar os membros da diretoria. Gábio José não vê como o incidente possa prejudicar a imagem nem a credibilidade da entidade. Tais denúncias, entretanto, deixaram seqüelas: alguns DCEs (é o caso da Unicamp) não reconhecem a nova diretoria. O DCE/Unicamp admite, porém, que a Une tem um papel intransferível e precisa ser fortalecida a partir de suas bases, como ocorria no passado. Eles atribuem a desmobilização atual do movimento à própria estrutura de créditos existentes nas universidades, que provocou a extinção das "turmas" — o elemento de socialização dos alunos. A mudança do perfil do aluno universitário, hoje concentrado em sua maioria nas escolas particulares (70%), também prejudica a organização. Isso porque a maioria dos estudantes trabalha durante o dia, havendo pouco tempo para reuniões.

A visão da universidade também mudou muito, na opinião dos coordenadores do DCE/Unicamp — Guilherme, João, Marcos e Takeo. De acordo com eles, a universidade deixou de ser um ponto de encontro, de formação de cabeças, para ser apenas uma passagem, uma temporada de caça ao diploma.

A falta de bandeiras do movimento é outro fator de desmobilização, segundo as lideranças do DCE/Unicamp. Entretanto, para eles, a revitalização da entidade não se pode dar a partir de estereótipos do passado. "A estratégia atual deve partir da análise da realidade, que é complexa e polêmica. A rearticulação do movimento passa pela questão da democracia interna na universidade, pela discussão dos currículos e por uma discussão ampla sobre educação", observam.

Guilherme, João, Marcos e Takeo: rastreando os fatores de desmobilização.

A força da Une

A força da Une, seus momentos de vinculação ao Estado e a atual busca de identidade é analisada pelo prof. Fernando Pereira, da Universidade Federal da Paraíba, que atuou na diretoria da entidade em 1959 como secretário de imprensa. Durante muito tempo a Une, que nasceu sob a égide do Estado, viveu o dilema da dualidade. Era vinculada a dois organismos internacionais de estudantes: a Organização Internacional dos Estudantes (UIE), que seguia a política internacional da União Soviética, e a CONCEP (Secretaria de Coordenadores de União Nacional), com sede na Holanda, que fazia a política pró-ocidente. Com o advento do regime militar, a Une entra na fase da marginalização. É aí que se dá sua grande ruptura em relação ao Estado. "A Une era uma entidade nacionalista e ficou na criva do Estado porque era parcela esclarecida do povo e com uma tradição de luta. Era um poder vigilante do Estado. Ela não era apenas uma entidade estudantil. Fazia parte do próprio tecido da sociedade civil", diz o prof. Pereira.

"A força da Une se dá justamente através de seu poder de mobilização", continua. "No Congresso de Ibiúna, o que impressionou os militares não foi o fato de os estudantes se reunirem daquela maneira, um tanto quanto ingênua, mas de qualquer maneira audaciosa. Foi a conspiração feita pela sociedade civil para angariar fundos para a realização do 29.º Congresso."

Prossegue: "A Une tinha uma estrutura de bastidor que era uma verdadeira potência. Tinha ligações com os sindicatos e com os morros do Rio de Janeiro. Quando os estudantes iam para um movimento de rua, eram acompanhados por toda uma parcela de gente "de briga" que estava ligada à entidade. Naquela época o restaurante da entidade — o "Calabouço" — era freqüentado por um número enorme de operários e gente do comércio. De certa maneira a Une tinha também um papel beneficente. Ela mantinha um galpão onde dormia muita gente que não tinha aonde ir. Para esse pessoal, a Une representava a sua própria sobrevivência.

O esvaziamento de hoje, de acordo com Pereira, se dá por diferentes fatores. Um deles é que se tenta repetir com a nova legalização uma história antiga. Só que o contexto histórico é outro. Acha também que o conhecimento de outras realidades é fundamental para a mobilização estudantil. Em sua opinião, os jovens de hoje viajam muito pouco e ficam restritos a um referencial interno elaborado ao longo dos anos de repressão. Acredita, no entanto, que o ressurgimento das recentes mobilizações estudantis na França, na China, na União Soviética e no México terão repercussão no Brasil, embora com algum atraso — "por questão de fuso horário", brincou.

Questionou ainda o "descompromisso" de pessoas que foram importantes líderes estudantis como José Serra, Wladimir Palmeira, Aldo Arantes, entre outros, com os estudantes. A passagem dessas pessoas para o sistema, através de cargos nos governos ou como parlamentares desvinculados das questões de ensino, mostra, segundo Pereira, a fragilidade da universidade brasileira. "Nas universidades americanas, inglesas ou saxônicas, ninguém quer sair da universidade. As pessoas têm orgulho de trabalhar em Oxford, Cambridge, Harvard. Mas no Brasil nossa universidade é efêmera, um trampolim, uma passagem, um local onde se dá diploma. Isso ocorre também com a Une, que não tem sentido de perenidade."

A passagem das lideranças estudantis para o sistema é uma passagem de ascensão. "O que acho estranho é que essas lideranças não mantenham seus compromissos como vanguarda de opinião. Isso é grave, porque não temos sentido de geração e talvez aí a gente mergulhe nas próprias raízes da cultura brasileira. "Uma geração está descompromissada com a outra. Se uma geração não se sente pai da outra, ela naturalmente a renega, surgindo então um oportunismo histórico que é altamente lesivo e destrutivo", concluí.

Execrada por uns, admirada por outros, ninguém nega porém a importância do movimento estudantil no contexto da história do país. Lideranças de proa como o presidente da Constituinte, deputado Ulisses Guimarães, que foi vice-presidente da Une em 1940, entre muitas outras, iniciaram na entidade o treino político que os conduziria ao Parlamento. A história da Une, no entanto, está ainda para ser contada e reconstruída. Alguns, entretanto, como Raul Poerner em seu livro **Poder Jovem**, já arranharam o tema.

Reconstruindo a história da Une

Na Biblioteca Nacional, através do Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, desenvolve-se um projeto denominado "Memória dos Periódicos Universitários", onde a Une tem lugar de destaque. Na Unicamp o Arquivo Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, vem realizando um projeto solitário. Cabe à historiadora Mirza Vasconcellos, 26 anos, coordenar um trabalho de recuperação da memória do movimento estudantil. Num esforço artesanal, ela vem catalogando jornais, documentos, folhetos, revistas, panfletos, cartazes e fotos vinculados ao movimento como um todo e à Une em particular.

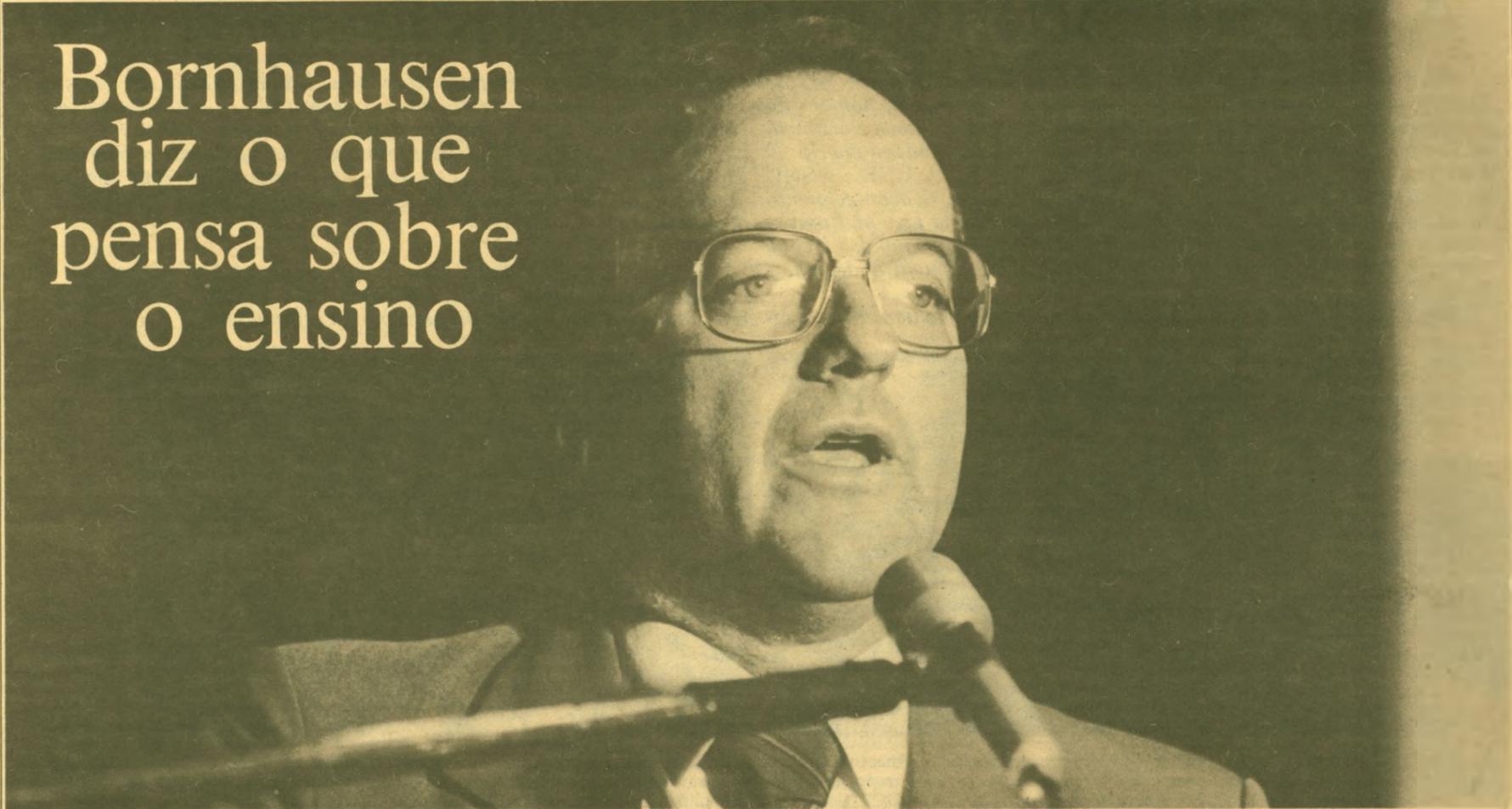
O acervo do movimento estudantil da Unicamp, que já foi fonte de duas teses ("Resistência ao golpe de 64" e "Movimento estudantil e militarização do Estado no Brasil 1964/1968), será aberto à pesquisa pública no decorrer do primeiro semestre deste ano. Numa primeira etapa, já reuniu 52 títulos de revistas, 460 títulos de jornais, 1.000 folhetos, 1.500 panfletos, 180 cartazes e 3.000 recortes de jornais. Mirza desenvolve tese de mestrado sobre o movimento estudantil.

A UNE através dos anos

- **1937 - Surge a entidade. Suas bandeiras na época eram a ampliação do número de vagas nas escolas públicas e o alojamento estudantil.*
- **1942/44 - A UNE se alia ao governo de Getúlio Vargas na luta internacional contra o nazismo e ganha como prêmio a sede da praia do Flamengo.*
- **1945 - Acaba o namoro com o governo. Num comício pró-anistia, em Recife, a polícia mata com um tiro o estudante Demócrito de Souza Filho, primeiro secretário da entidade, que abre guerra contra o governo.*
- **1947/50 - Inaugura-se uma fase nacionalista com o apoio à campanha "O Petróleo é Nosso", postura que persiste até o início dos anos 60.*
- **1961/64 - É criado o CPC — Centro Popular de Cultura da UNE, com grande repercussão no movimento cultural da época.*
- **1965/68 - Na clandestinidade, a UNE realiza seu mais audacioso Congresso, em Ibiúna, SP. Afronta o regime e vê suas lideranças serem dizimadas.*
- **1969/79 - Boa parte da documentação da entidade é destruída e o movimento fica praticamente paralisado até o início de sua reconstrução, em 1979, no Congresso de Salvador.*
- ** Anos 80 - A UNE atravessa longo período de indefinição e incerteza política.*
- **1985 - O presidente Sarney decreta a legalização da entidade.*

Entrevista: Jorge Bornhausen

Foto: Tetê Sobreira

Bornhausen diz o que pensa sobre o ensino

Bornhausen: "13% já está bom, mas o ideal é chegar aos 20%".

O ministro da Educação, Jorge Bornhausen, presidiu em Fortaleza, no dia 2 de fevereiro último, a solenidade de abertura da 44ª Reunião do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Na ocasião, ele expôs suas idéias sobre "Educação, Universidade e Constituinte". O Jornal da Unicamp *faz aqui uma síntese de seu pensamento, colocado na reunião do CRUB e posteriormente debatido numa entrevista coletiva concedida à imprensa cearense.*

"A universidade e os estabelecimentos de ensino superior não universitários, pela posição terminal que ocupam no encadeamento dos processos de aprendizagem, não podem abdicar da defesa de qualquer das condições capazes de os levarem em direção à excelência. Não podem, por outro lado, desconhecer o fato elementar de que dificilmente poderão caminhar nessa direção enquanto não pudermos dispor de melhores condições de funcionamento nos estágios antecedentes. Se há muito que se fazer ainda pelas instituições de ensino superior, muito também há que se fazer ainda pelos nossos sistemas de ensino de 1.° e 2.° graus. Não podemos correr o risco de construir uma universidade que não vá além de uma excelência vazia, a exibir-se no vácuo."

"nenhuma expansão deve ser feita em prejuízo da qualidade"

Esta é a postura do ministro da Educação com relação ao quadro educacional brasileiro, que, segundo ele, "está marcado por um nível de escolaridade média da população situado num patamar muito aquém daquele que caracteriza o estágio de desenvolvimento do país". Bornhausen acha que não é mais possível pensar na educação brasileira de uma forma fragmentada em seus diferentes estágios de escolaridade. Acredita que é necessário estabelecer um elo de ligação através de cooperação mútua entre os diferentes níveis para a melhoria da qualidade do ensino brasileiro.

Em sua exposição, Bornhausen procurou fazer uma radiografia da educação brasileira, cuja realidade considera preocupante. O Brasil, na sua opinião, ainda investe pouco em educação. Ele vê na Assembléia Nacional Constituinte a possibilidade de alterar a fisionomia desse quadro.

Para o ministro, "não basta inscrever na Constituição apenas as declarações gerais de direitos e

"na Constituição não bastam declarações gerais de princípios"

princípios. É hora de incorporar nela, também, as indicações de como viabilizá-las na prática. É preciso que elas venham a ser desdobradas em diretrizes claras e consistentes, coerentes entre si, de tal forma que se possa, a partir delas, fixar melhor objetivos e metas de curto, médio e longo prazos, criando-se referências capazes de permitir que o controle social se faça, que julgamentos de valor possam ser formulados e novas orientações incorporadas ao planejamento da educação".

Ao traçar um panorama da atual situação do sistema educacional brasileiro, Bornhausen revelou que "mais de 70% da população maior de 10 anos de idade não haviam concluído, em 1980, a 4.ª série do 1.° grau. No meio dela, perto de 20 milhões de pessoas declararam-se analfabetas". É com base nesta realidade que o ministro acredita que "somente a mudança nos padrões de desempenho no ensino de 1.° e 2.° graus poderá assegurar melhorias substanciais no funcionamento das instituições de ensino superior".

A par do estrangulamento natural nas passagens do 1.° e 2.° graus e deste para o ensino superior, o ministro afirmou que a grande seleção "é eminentemente social", seleção esta que considera "duplamente perversa: primeiro porque já exclui muitos (a grande maioria) da oportunidade de manifestarem, mais à frente, o seu potencial; segundo, porque torna difícil para a universidade proceder a uma seleção de qualidade e apuração de talentos, quando tão poucos se apresentam em condições de participar desse processo seletivo".

Ao abordar especificamente a questão da universidade brasileira, colocou que apesar da expansão crescente dos últimos anos, e da conseqüente ampliação do número de vagas, ela não foi acompanhada da qualidade necessária. "Será preciso encontrar alternativas para que, a partir de agora, nenhuma outra expansão possa ser feita em prejuízo da qualidade do ensino que queremos e de que precisamos", observou.

No momento em que se discute amplamente a questão ensino público vs. ensino privado, o ministro da Educação manifestou sua opinião de que "a universidade é fundamental para a sobrevivência das sociedades que se pretendem livres e democráticas". Disse, no entanto, que "a pluralidade não pode ser o caminho aberto para a má qualidade do ensino ou da pesquisa ou para a má gestão de recurso públicos ou sociais".

A introdução de um sistema de avaliação do desempenho das universidades brasileiras foi considerada pelo ministro como condição ímpar para a melhoria da qualidade do ensino. Ele acha que as avaliações devem ser "múltiplas e

"por um sistema de avaliação transparente e nos limites da lei"

conduzidas por diversos agentes ou agências, segundo diferentes óticas de interesse, de tal forma que julgamentos de valor possam ser amplamente formulados e conhecidos. A pós-graduação já faz isto e seus resultados são considerados melhores que os da graduação", comentou.

A autonomia universitária foi também defendida pelo ministro. Em seu conceito de autonomia, a dotação global de recursos está prevista, modificando assim a situação atual de vinculação das verbas. Esta mudança de procedimento dos centros geradores de recursos não deverá ocorrer, porém, "em prejuízo da ação fiscalizadora do governo federal e da sociedade, de um modo geral, e em especial através de processo avaliativo transparente e de credibilidade, exercido, no que couber, nos estritos limites que a lei determinar".

Na elaboração de uma politica geral sobre a educação na nova Carta Magna, Bornhausen defende definições específicas sobre a liberdade da educação, sobre o direito dos pais de alunos e sobre a vinculação de impostos ao setor educacional. Segundo ele, uma leitura acurada sobre as Constituições do país mostra que "esta vinculação de recursos nasceu na Constituição de 1934, foi mantida em 46 e, lamentavelmente, foi retirada em 1967. "Estudos posteriores mostraram uma queda acentuada de recursos para o setor".

Para corrigir a situação, o ministro acha indispensável que os constituintes tenham presente a necessidade absoluta de manter a vinculação e até mesmo de aumentá-la. "É preciso não apenas manter os 13% previstos pela Emenda Calmon, mas se possível chegar aos 20%", disse.

A crise continuada na educação brasileira como um todo não pode ser tributada apenas ao Brasil, de acordo com o ministro. Vários paises desenvolvidos estão en-

"vejo com naturalidade o ressurgimento dos protestos estudantis"

frentando a questão da reforma universitária. Os conflitos estudantis, que depois de muitos anos pareciam estar esquecidos, voltam a preocupar as autoridades educacionais na medida em que vêm se sucedendo uns após outros. A França, o México, a China e a União Soviética são exemplos claros da pressão por mudanças. Essa efervescência é vista com naturalidade pelo ministro da Educação. "A sociedade é dinâmica e está sempre em mutação. A crise é um processo continuado. E é por isso que entendo que só vamos ter melhoria de ensino quando tivermos avaliação. Sem avaliação não vamos ter radiografia. Se temos graves problemas precisamos ter a radiografia para podermos aplicar os remédios adequados. Sem dúvida alguma precisamos de mais recursos, mas precisamos sobretudo da valorização do magistério", concluiu.

Reitores querem garantia de autonomia

A Constituinte e a Reforma Universitária foram os temas dominantes da 44ª reunião do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) realizada em Fortaleza de 2 a 5 de fevereiro. Não apenas porque ambas estão na ordem do dia, mas principalmente porque, ao longo deste ano, as discussões em torno do projeto constituinte terão de incluir, sem dúvida, as questões do ensino superior e da reforma universitária.

O novo presidente do CRUB, prof. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, 38 anos, da Universidade Federal de Santa Catarina, eleito durante o encontro, pretende fazer com que a entidade tenha influência direta na filosofia da política de ensino a constar na nova Carta Magna. Da reunião de Fortaleza, que contou com a participação de 69 reitores filiados ao CRUB, saiu uma série de propostas para a Constituinte.

Autonomia

O princípio fundamental a ser defendido pelo presidente do CRUB junto aos constituintes é o da autonomia da Universidade. Em sua opinião, a reformulação do ensino de terceiro grau só pode se processar dentro deste preceito, "sem o que qualquer modificação corre o risco de insucesso. A Universidade tem ampla capacidade de procurar seu próprio caminho" afirmou. O novo presidente do Conselho de Reitores defende a "pluralidade da oferta do ensino" junto com a ampliação do ensino público. Acho, no entanto, que não se pode aumentar vagas sem garantir a qualidade. Defendeu uma cooperação técnica entre as universidades brasileiras e as estrangeiras. No âmbito da pesquisa reivindica verbas específicas. No seu entender, as universidades não podem depender apenas de convênios para realizarem suas pesquisas.

Propostas

Em seminário a ser realizado no primeiro bimestre deste ano, os reitores discutirão mais aprofundadamente as questões referentes à Reforma Universitária. O objetivo é encaminhar propostas concretas aos constituintes. Entretanto, alguns princípios básicos já foram traçados. São as seguintes as propostas aprovadas na reunião plenária dos reitores, em Fortaleza.

- Obrigatoriedade do ensino de no mínimo oito anos, no 1.° grau, garantido pelo Estado e por ele oferecido.
- Obrigatoriedade do Estado de oferecer e manter o ensino gratuito de 2.° e 3.° graus, sem exclusividade.
- Manutenção do direito da livre iniciativa atuar em qualquer grau de ensino dentro das limitações impostas pela lei.
- Necessidade de figurar em capítulo próprio a responsabilidade do Estado na organização e no controle das atividades ligadas à ciência e à tecnologia.
- Garantia de autonomia às universidades.
- Manutenção de vinculação do mínimo de 13% da receita orçamentária da União e de 25% da receita orçamentária do Estado e dos Municípios para a Educação.
- Necessidade do Estado garantir o pleno desenvolvimento das atividades culturais.

Unicamp interligada ao Renpac

A rede de computadores da Unicamp está agora interligada aos serviços Renpac (Rede Nacional de Comunicação de Dados), da Embratel. A ligação do sistema teve início no último 22 de fevereiro, quando técnicos da Embratel estiveram na Universidade para discorrer sobre os serviços disponíveis. A Unicamp conta com um parque instalado de 500 computadores. A partir de março, 300 outros micros que serão instalados diretamente nas casas dos professores também estarão interligados ao Renpac.

A Unicamp é a primeira universidade brasileira a entrar na rede. Alguns institutos isolados como o de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Instituto Butantã, em São Paulo, já utilizavam os serviços Renpac. A expectativa é que dentro de seis meses todas as universidades do país estejam ligadas aos bancos de dados nacionais e internacionais. Os primeiros nós foram realizados em 1985, no eixo Rio-São Paulo e em Brasília, e estão hoje em todas as capitais.

Acesso a banco de dados

Com a interligação dos computadores da Unicamp ao Renpac, a partir do sistema VAX (computador de grande porte) do Centro de Computação da Universidade, os docentes-pesquisadores poderão agora agilizar seus trabalhos. A busca bibliográfica de referências, que levava meses, poderá ser feita automaticamente através dos bancos de dados nacionais e internacionais.

Os serviços do Renpac facilitam principalmente o acesso a fontes bibliográficas de referência.

Os serviços do Renpac incluem uso da Rede e de Telex e do Cirandão. O Cirandão oferece: Caixa Postal Eletrônica, Quadro de avisos eletrônicos e Teleconferência. Pelo Interdata (rede internacional de comunicação), o usuário do sistema terá acesso a três grandes redes, a Telemet, a Tymemet (americana) e o Transpac (européia), que permite ligação com bancos de dados estrangeiros de Ciência e Tecnologia.

Como os grandes centros nacionais de pesquisa estão também sendo interligados ao Renpac, os professores da Unicamp terão facilidades adicionais de trocas de **softwares** não só com colegas de outras instituições de ensino superior como de organismos como CTI (Centro Tecnológico para a Informática), CPqD (Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Telebrás) e CTA (Centro Tecnológico Aeroespacial).

A assinatura da interligação do sistema VAX da Unicamp à Renpac custará mensalmente à Universidade Cz$ 10 mil. As ligações serão pagas pelos Institutos e Faculdades, desde que autorizadas ou individualmente pelos docentes. O custo do uso difere do impulso telefônico que é cobrado por tempo físico. A ligação entre micros é computada pela quantidade de dados transmitidos, em **bytes**. O circuito multiplex incorporado ao sistema permite chamadas simultâneas.

O acesso à Rede Nacional de Comunicações de Dados da Embratel é feito através de uma linha telefônica comum. Para isso, é necessário que o usuário tenha um microcomputador ou um terminal. A interligação é feita através de um periférico — um **modem** — aparelho que conecta o computador ao telefone.

Informática reúne brasileiros e argentinos

Quinhentos jovens brasileiros e argentinos participaram de 9 a 22 de fevereiro, em Tandil, na Argentina, da II Escola Brasileiro-Argentina de Informática (Ebai), cuja coordenação executiva, pelo lado brasileiro, coube ao professor Léo Pini de Magalhães, assessor técnico da Pró-Reitoria de Pesquisa e professor da Faculdade de Engenharia Elétrica. A II Ebai ocorreu exatamente um ano após o primeiro encontro realizado na Unicamp. Do programa, que reuniu 250 estudantes de cada lado, graduandos e pós-graduandos, constavam três atividades distintas: a escola propriamente dita (Ebai), o encontro de pesquisadores da área e a apresentação de projetos conjuntos entre os países envolvidos.

A Ebai nasceu como um desdobramento natural — talvez o primeiro — da carta de intenções assinada entre Argentina e Brasil na área de informática no início de 1985. A Unicamp imediatamente colocou-se à disposição para sediar o primeiro encontro. Da discussão do programa inaugural participaram, além de pesquisadores da Unicamp, integrantes dos Ministérios de Ciência e Tecnologia de ambos os países, sob a coordenação do prof. Carlos José Pereira de Lucena, da Puc/RJ. A coordenação executiva da I Ebai coube ao prof. Hélio Waldman, então diretor da Faculdade de Engenharia de Campinas e atual pró-reitor de Pesquisas da Unicamp. Para se ter uma idéia do êxito desse primeiro encontro basta dizer que dele resultaram nada menos que 11 livros didáticos sobre informática, todos publicados pela Editora da Unicamp.

"A idéia do encontro é aproximar os futuros pesquisadores brasileiros e argentinos. Devemos pensar no futuro, pois muitos desses jovens um dia serão empresários ou pesquisadores, ou estarão em cargos de direção", afirma o prof. Léo Pini Magalhães, coordenador executivo da II Ebai. A escolha dos jovens participantes é feita previamente mediante o envio de currículos. O julgamento é realizado por uma comissão de professores indicados pela Sociedade Brasileira de Computação. "Este ano, diz Pini "tivemos pelo lado brasileiro 840 candidatos. Da Unicamp foram selecionados 40 alunos. Além desses o nosso grupo foi engrossado por 10 pesquisadores".

Durante a Ebai são oferecidos cursos que vão desde a iniciação básica em informática até a elaboração de programas complexos. Ao final dos cursos, os alunos prestam provas e os 25% melhores aprovados são automaticamente convidados a participar do encontro seguinte. A III Ebai será realizada em fevereiro de 1988, no Rio Grande do Sul.

Projeto Ethos

O ponto central das discussões em Tandil foi acerca da possibilidade de se desenvolverem trabalhos conjuntos com computadores de 5.ª geração, isto é, os chamados computadores inteligentes. Esse projeto, batizado de "Ethos" (Estação de Trabalho Heurística Orientada para Engenharia de Software), está sendo coordenado pelo professor José Pereira de Lucena e, além de seu caráter binacional, tem também características plurinstitucionais. Outra área que foi intensamente discutida: a do processamento de sinais. Presume-se que esses entendimentos terão prolongamento prático muito em breve.

Leo Pini: pensando principalmente no futuro.

Por enquanto a elaboração de uma política conjunta Brasil-Argentina na área de informática é impraticável, segundo Pini, uma vez que não existe acordo firmado nesse sentido entre os respectivos Ministérios de Relações Internacionais. "A idéia central do programa binacional", diz Pini, "é por um lado transferir do Brasil para a Argentina a experiência de geração de tecnologia e, por outro, trazer para cá a imensa tradição científica e tecnológica do país vizinho em áreas que eventualmente nos escapam".

Graduação quer valorizar a iniciação científica

A Pró-Reitoria de Graduação dá início este mês, no âmbito das unidades, a um amplo debate sobre a qualidade do ensino de graduação na Universidade. Professores e alunos serão convidados a apresentar propostas concretas para um esforço concentrado e planejado visando à melhoria do padrão didático.

O pró-reitor de Graduação, prof. Antônio Mário Sette, é o primeiro a admitir que o sistema necessita de uma reformulação aprofundada. Segundo ele, a Unicamp "vem carregando há anos a fama de oferecer o melhor ensino de pós-graduação do país, relegando inconscientemente a graduação a um segundo plano". Sette considera que chegou a hora de reverter a situação. "Daí a deflagração do debate no início do ano letivo", diz.

Com esse processo espera-se criar as condições necessárias para uma nova fase nas pesquisas de iniciação científica. Atualmente são poucas as unidades que mantêm programas de pesquisas que envolvam alunos de graduação. Basta dizer que não mais de 88 alunos da Unicamp contam hoje com bolsa de iniciação científica. Entretanto, segundo o prof. Sette, esse não é um fenômeno exclusivo da Unicamp: informações fornecidas pela Fapesp indicam que em 1986 foram solicitadas ao órgão apenas 455 bolsas de iniciação em todo o Estado.

Também o Ministério da Educação mostrou recentemente, durante um encontro dos pró-reitores de Graduação em Florianópolis, sua perplexidade em face da subutilização da pesquisa no ensino de terceiro grau. O representante do MEC deixou claro que é interesse do Ministério investir recursos na área. Uma das exigências oficiais, entretanto, é que se faça uma avaliação sistemática dos cursos de graduação a exemplo do que é feito pela Capes no sistema de pós-graduação. A proposta não sensibilizou a todos os pró-reitores igualmente.

"Nossa opinião é que para se ter uma boa graduação na universidade é necessário que se tenha uma boa pesquisa. Mas essa condição por si só não é suficiente." Com isso o prof. Sette reforça seu propósito de empreender uma ampla reestruturação da graduação e, a partir do 2.° semestre deste ano, dar impulso à implantação de uma política de iniciação científica entre os graduandos. Para que o projeto se efetive, os jovens pesquisadores deverão contar — além das bolsas de iniciação da FAPESP e do CNPq — com bolsas de monitoria da Unicamp (atualmente em Cz$ 800,00), que poderão ser aplicadas em pesquisa.

Banco de informações para pesquisas das estaduais

As três universidades estaduais paulistas — Unicamp, Usp e Unesp — poderão brevemente contar com um banco de dados comum sobre as pesquisas em desenvolvimento no conjunto de seus laboratórios. O principal objetivo é possibilitar a troca de informações e facilitar a articulação de projetos interdepartamentais. Nesse sentido assinou-se, no final do ano passado, convênio entre as três instituições, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Secretaria Estadual de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia.

O projeto de criar uma central comum de informações sobre a produção científica universitária no Estado de São Paulo é de autoria do CNPq, que manterá também um banco de dados sobre os recursos humanos disponíveis no setor de ciência e tecnologia no Estado.

O CNPq cuidará ainda da assistência técnica ao sistema de compatibilização dos dados recolhidos nas diferentes fontes.

A Unicamp já deu os primeiros passos para um levantamento sistematizado de sua produção científica — na realidade o primeiro em sua história. Um modelo de questionário elaborado pela Pró-Reitoria de Pesquisa será brevemente encaminhado à apreciação da comunidade acadêmica através das congregações das unidades. "Somente após o sinal verde das congregações é que encaminharemos o projeto SIPE para ser aprovado no Conselho Diretor", explica o prof. Léo Pini de Magalhães, assessor da Pró-Reitoria e responsável direto pelo Sistema de Informações de Pesquisa (SIPE) centrado na Unicamp.

Maiores recursos

Além do cadastramento das atividades de pesquisa que se realizam no campus, o SIPE registrará ainda as produções artísticas e culturais. "A importância desse sistema", argumenta Pini, "é que pela primeira vez a Unicamp saberá concretamente quais os valores reais dos recursos orçamentários e extra-orçamentários efetivamente dispendidos em função da pesquisa na Universidade." Com essas informações na mão, diz Pini, "poderemos negociar mais enfaticamente com os órgãos financiadores". Pini explica ainda que, com a implantação definitiva, o SIPE será o único formulário a ser preenchido pelos pesquisadores, abolindo-se de vez os vários relatórios isolados da Capes, CNPq, Selap e outros que circulam pelo campus.

"Muitos dos que conquistaram o poder botaram abaixo a beleza da ideologia."

Entrevista: Marcelo Rubens Paiva

Doces tempos de república

Dos cerca de 12 mil ex-alunos da Unicamp, ele é certamente o mais conhecido. Mais que isso: tornou-se uma espécie de porta-voz da juventude brasileira, com seus livros espontâneos e atuais. O primeiro, Feliz Ano Velho, *que conta a história de sua tragédia pessoal (tornou-se paraplégico em 1980, depois de uma queda), já vendeu meio milhão de exemplares.* Blecaute, *lançado em fins do ano passado, já passa dos 100 mil. Mas ele não é apenas um escritor de sucesso: é principalmente um jovem simples que, embora preso a uma cadeira de rodas, faz questão de sair à rua sozinho, fazer suas próprias compras e freqüentar as aulas do curso de Rádio e Televisão na USP. Finalmente, impossível esquecer que ele é também filho do ex-deputado Rubens Paiva, detido pelas forças de repressão e cuja morte, em 1971, só agora começa a ser esclarecida.*

Jornal da Unicamp — Você é jovem,acaba de publicar um segundo livro de sucesso, tem um público que adora você, continua a estudar e tem uma vida atívissima. Como se sente hoje, diante da realidade e do mundo, o Marcelo Paiva ex-roqueiro amador, ex-aluno da Unicamp e ex-estudante de engenharia agrícola?

Marcelo Paiva — Há o Marcelo Paiva solicitado, de uns poucos dias, e há o Marcelo Paiva de sempre, da maioria dos dias. Eu dedico pouquíssimo tempo a vestir a capa do autor conhecido, do escritor que tem a obrigação de dizer frases geniais em público, do rapaz que representa o pensamento da juventude. Durante todos estes anos tentei negar essa capa, mas ela me foi entregue, não pude fazer nada. Devo admitir que escrevi o livro e sou responsável por ele e por aquilo que eu disse. Mas, atualmente, depois do **Blecaute**, e cada vez mais, estou me dedicando à minha vida individual, me afastando cada vez mais desse personagem público. Estou tentando garantir minha liberdade de movimentação, de pensamento, de opinião, para poder escrever outros livros, tantos quantos possíveis. Porque se eu me atrelar a esse tipo de roda-viva que é a badalação e a fama, acabo não fazendo outra coisa. E depois, por que não dizer? eu preferia ficar em casa escrevendo, ir tranqüilamente para a universidade, conviver com os amigos de sempre.

J.U. — Então, da figurinha do ídolo você não gostou?

Marcelo — Não, não gostei. E depois, tem uma coisa: se eu pretendo continuar a escrever, então eu tenho que viver, não é? Sinto falta disso, sinto falta de pessoas que não saibam quem eu sou, tipos comuns, desconhecidos que não mudem de comportamento quando me encontram. Para ter esse prazer, me dou ao trabalho de fazer as coisas mais chatas, mais banais. Por exemplo: outro dia precisava tirar um documento no Detran, poderia ter entregue a um despachante, mas fui pessoalmente. Queria ver como é o Detran, sentir. Eu curto ver as figuras daqueles burocratas, enfim, eu quero ser um cidadão comum.

"a oficialização da UNE quebrou o barato da coisa clandestina"

J.U. — Que sobrou de positivo pra você do tempo em que você era cidadão comum na Unicamp?

Marcelo — Estive na Unicamp dos 17 aos 20 anos, e essa é uma idade em que se aprende mais fora da sala de aula do que dentro. Não sei, é incrível como o aprendizado desses três anos acabou varrido de minha cabeça, vagamente me lembro de noções de física, de matemática, mas de específico nada. Já da vivência universitária eu me lembro de quase tudo: dos filmes que eu vi, das meninas todas que eu olhei, dos bares que freqüentei. Fiz alguns amigos permanentes, como o Cassiano, que estudou antropologia e hoje dá aula na PUC de São Paulo. Agora o que me marcou mais foi a experiência da república. Foi a primeira vez que me senti dono de um espaço, de um quarto, de um quintal. Tinha prazer em pensar no queijo que tinha comprado e nos animais que ia ter. De repente isso para uma pessoa de 17 anos é importantíssimo. Quando cheguei à Unicamp, em 77, ela não era ainda tão conhecida. Meus amigos daqui ficaram espantados: "Mas como? Por que você não faz a Mackenzie ou a Faap?" No entanto a gente foi mesmo pra Campinas e de repente a primeira realidade foi uma pensão: morávamos eu, o Cassiano e mais quatro pessoas. Só um mês depois a gente passou, Cassiano e eu, prum quarto só nosso, isto é, havia também dois peruanos que faziam tráfico de cocaína e vendiam artesanato. A primeira república veio um ano mais tarde. Depois vieram outras, até repúblicas mistas, quer dizer, aquilo era uma caixinha de surpresas e sempre tinha algo de novo no ar.

J.U. — Entretanto, seu primeiro livro deixa transparecer que voce não gostava muito da cidade.

Marcelo — É verdade. Eu tinha morado uns tempos em Santos, que é uma cidade do mesmo porte que Campinas, e lembro que era uma cidade aberta, de relacionamento fácil e livre. Em Campinas não encontrei nada disso. Tive problemas na rua até pelo fato de ser cabeludo. Senti que havia certas restrições da sociedade campineira para com os estudantes da Unicamp. As imobiliárias dificultavam as coisas, era difícil conseguir lugar para morar e até fui expulso de uma discoteca porque, segundo eles, eu não estava vestido adequadamente. Apesar de tudo, a vida até que era legal.

J.U. — Você disse que esqueceu tudo o que aprendeu em três anos que passou na Unicamp. Você acha que a Universidade não está cumprindo o seu papel?

Marcelo — Não é só a Universidade, a coisa vem desde o primeiro grau. De repente você aprende, aprende, aprende, e na verdade não aprende nada. Existe muita redundância no cientificismo e pouca informação pessoal, humana mesmo. Não estou falando que deva haver mais cursos de filosofia nos colégios, mas, veja só: de repente eu só aprendi o que é uma lâmpada no cursinho, um chuveiro elétrico eu só entendi batendo papo com os amigos. Como funciona o motor do carro? O rádio? A televisão? A Universidade repete esse vício. Não me lembro de ter aprendido nada de cultura geral em três anos. Aprendi sem dúvida muitas fórmulas, numerosos esquemas que hoje em dia eu já esqueci e não uso pra nada. De modo que minhas ligações com a Unicamp são hoje através do pessoal do teatro: o Paulo Betti, o Adilson Barros.

"na república, pela primeira vez me senti dono de um espaço"

J.U. — Depois disso você voltou seus interesses para o rádio e a televisão, além da literatura. A troca satisfez você?

Marcelo — Depois que entrei no curso da USP fiquei em crise quatro anos achando que tinha escolhido mal. Hoje percebo que escolhi bem, primeiro porque o curso melhorou, a USP melhorou de uma forma geral, com o Goldemberg, com mais verbas, há uma nova política de ensino, estão mudando os currículos e os alunos estão sendo consultados. Está havendo uma integração maior entre funcionários, professores, alunos e a direção da Universidade. Isso melhorou a qualidade de ensino em 100%, eu não sei se a Unicamp também está assim, espero que esteja. Escolhi televisão porque é a mídia que abrange todas as mídias, então de repente eu tenho aula de cenário, de iluminação, de fotografia, de roteiro, de imagens, de semiologia, de rádio, de jornalismo etc. De repente isso engloba todas as artes, e para mim que não queria me especializar em nenhuma área, acho uma ótima.

J.U. — E que espaço ocupa aí a literatura?

Marcelo — Eu separo a literatura da Universidade. Sei que lá vou esbarrar nos estruturalistas, e isso eu não quero. Estudo, sim, em casa, mas diria que quase profissionalmente. Vem aqui uma garota minha amiga, que dá aula de textos em colégios de segundo grau, então nós brincamos de ler e escrever, de bolar personagens. Então é a partir daí que eu vou experimentando, vou quebrando as regras.

J.U. — Você faz política estudantil na USP?

Marcelo — Fiz na Unicamp. Fui do Centro Acadêmico da Engenharia Agrícola, participei da fundação do DCE da Unicamp, e marquei presença no 1.º Congresso Estudantil da USP. Bem, mas isso era numa época em que, como se dizia, o movimento estudantil era tocado pelos "caretas". Me lembro que meus colegas artistas criticavam muito meu envolvimento. Porque era muito chato fazer política estudantil, era muito ideológico, as tendências estavam hiperorganizadas e de repente quem não engrossava uma tendência não funcionava como órgão. Eu não fazia parte de nenhuma tendência, minhas cores políticas eram indefinidas, eu tinha uma cabeça mais anarquista. Claro, tinha de entrar em choque com os ortodoxos.

J.U. — Como você avalia o movimento estudantil depois da legalização da Une?

Marcelo — O que aconteceu com o movimento após sua legalização é o que aconteceria com a maconha se fosse legalizada. De repente se perdeu o gostinho do proibido, do secreto, do misterioso. Então havia na época esse prazer de fazer parte de uma organização proscrita, de participar de reuniões proibidas, de descolar fofocas que ninguém sabia, de conhecer mitos da esquerda e agora, me perdoem, eu acredito que a esquerda decepcionou um pouco. Muitos da esquerda que conquistaram o poder botaram por água abaixo a beleza da ideologia, da utopia, e isso refletiu para o terceiro, o quarto e o quinto escalões, até que refletiu na própria massa e está refletindo, por exemplo, hoje, no DCE da USP. Sinto que muitos jovens estão hoje no movimento estudantil para ganhar o poder e através do poder garantir o seu espaço.

J.U. — Mas não é a regra geral, felizmente.

"fui do movimento no tempo em que era careta participar dele"

Marcelo — Não sei, o certo é que a oficialidade cortou o barato da coisa clandestina e a esquerda abraçou essas entidades como se fossem mais um ganho político seu. Então o cara é eleito para depois chegar pros seus companheiros de doutrina ideológica e dizer: "Conquistamos o DCE, agora falta vocês conquistarem as outras entidades e fazerem a revolução." No entanto, eu não sinto nenhum tipo de luta nova no meio estudantil. Durante anos esquecemos os problemas universitários e abraçamos totalmente os problemas gerais da Nação. A gente gritava "abaixo a ditadura" ou então, se preferisse, "viva as liberdades democráticas". Claro que numa certa época isso fez sentido, mas a Une, as UEE's e os DCE's continuam a fazer esse mesmo tipo de política.

J.U. — Ou seja, o movimento estudantil está em busca de uma nova bandeira. Que bandeira seria essa?

Marcelo — Não tenho a menor dúvida de que é qualquer coisa ligada à qualidade do ensino. O aumento das verbas, o fim do vestibular, a reforma dos currículos. Não entendo como os estudantes não se preocupam com isso.

J.U. — Acabar com o vestibular? Mas aí você vai ter cursos com 10 mil alunos, como na Argentina. Não lhe parece complicado?

Marcelo — Eu estou falando de um exame mais pessoal, não massificado. Você está dizendo que a Unicamp este ano fez isso. Eu sei que a escola de teatro de vocês já fazia antes, então está tudo bem. De repente os professores de rádio e televisão da USP deviam fazer o mesmo, avaliar um por um de acordo com o seu interesse por rádio e televisão. Você veja: 80% do pessoal de minha classe não lia jornal, e isso numa classe de jornalismo. Quer dizer, de repente foram selecionados os bons alunos de cursinho e colégio, mas não os realmente interessados pela área. Tanto que, dos 25 alunos que entraram na minha classe, só sobraram cinco; ou seja, 20 descobriram tarde demais que não tinham nenhuma aptidão para rádio e televisão.

J.U. — Suas freqüentes entrevistas na televisão e nos jornais demonstram que você está sempre atento à vida política, econômica e social do País. Como é que você está vendo o desempenho da chamada Nova República?

Marcelo — Eu estou cada vez me decepcionando mais. Toda vez que ela comete os mesmos erros da ditadura (não da Velha República, mas da ditadura mesmo)... bom, basta ver que a cada ato de vandalismo que acontece, como por exemplo o "badernaço" de Brasília, então a CUT é a grande vilã, e isto sem haver nenhuma investigação séria pra saber se houve grupos organizados. Ou então o caso de Leme, onde se provou por a + b que o PT não tinha culpa nenhuma, que o tiro partiu da própria polícia, e no entanto o presidente da República e o ministro da Justiça condenam o PT.

"penso que a geração da resistência não chegou realmente ao poder"

Então ainda existe aquela certa impunidade, o que significa que não existe lei, garantia individual. Em outros países provavelmente o ministro da Justiça cairia e o presidente seria chamado às falas. E depois, sinto um certo medo de idéias mais arrojadas, fala-se de reforma agrária, mas à boca pequena, ninguém ousa considerar pra valer propostas sérias como a do rompimento com o FMI.

J.U. — Mas você não acha que se a Nova República fracassar, fracassa também toda aquela geração de resistência em que tínhamos depositado tantas esperanças?

Marcelo — Eu não acho, não. Penso que aquela geração não chegou realmente ao poder. Aquela geração não se conformaria com o caso Calha Norte, por exemplo. De repente vai-se fazer um projeto que não foi discutido por nenhum órgão, por nenhuma associação de classe, e que é uma coisa absurda, caríssima. **Ele** assina e ponto final, ninguém mais conversa sobre isso, mesmo a imprensa não faz nenhuma investigação séria. Eu conheço o problema porque minha mãe é advogada dos índios, e isso vai criar um conflito indígena seriíssimo, entendeu, e ninguém está falando sobre isso. É o nosso "Guerra nas Estrelas", com a verba que destinaram para garantir as fronteiras com as Guianas você poderia equipar todas as polícias estaduais, que é o que toda a população está reclamando.

J.U. — As investigações sobre o caso Rubens Paiva seriam uma exceção?

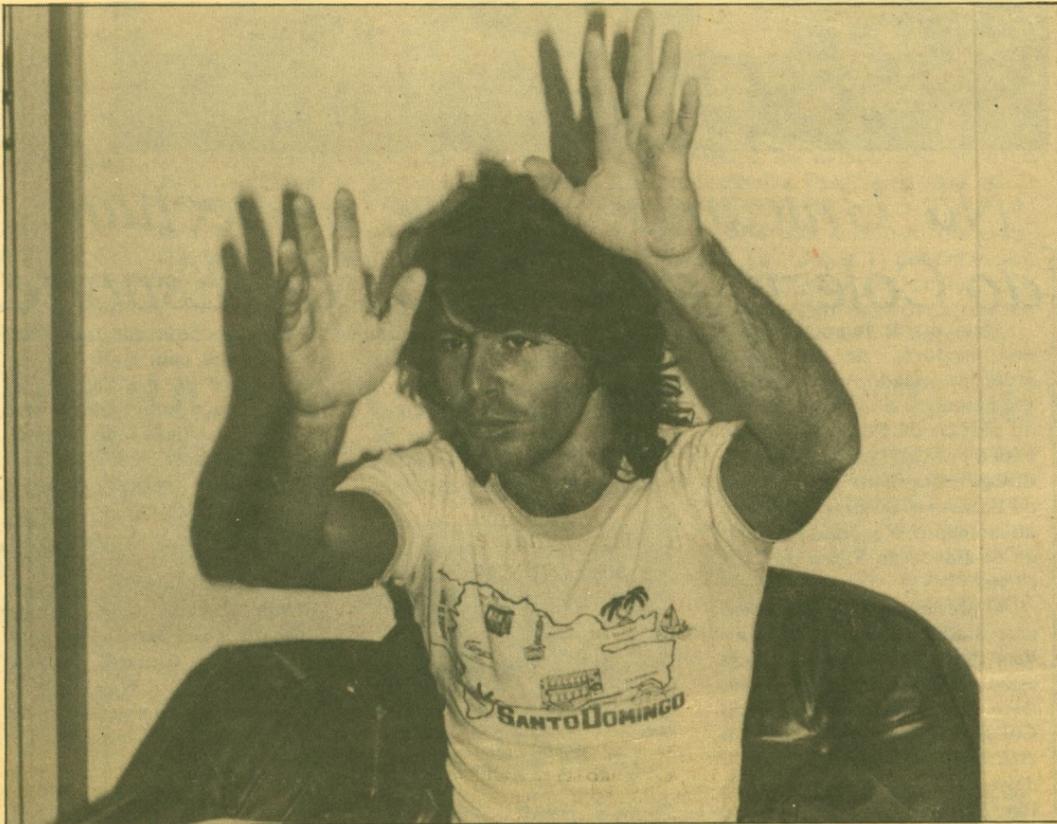
Marcelo — Uma agulha no palheiro. O caso Rubens Paiva foi uma batata quente que estourou na mão deles, porque o depoimento daquele médico do Rio (Amílcar Lobo) foi uma coisa absolutamente inesperada.

J.U. — Mas o caso está na esfera militar, o que talvez signifique que seja escamoteado.

Marcelo — Não, a imprensa se enganou a esse respeito. É exatamente o contrário e pode estar aí a resolução do caso. O fato dele estar na esfera militar significa que realmente o caso aconteceu num órgão do Exército. Se estivesse na área civil, era porque a versão dos militares, de que meu pai tinha fugido e não estava no órgão, era predominante. Agora o caso está caminhando bem e acho que vai dar em alguma coisa, porque os promotores do Tribunal Militar, bem como os juízes, atualmente, têm influência no Exército.

Aventuras e desventuras de Túlio Assunção Pires Ribeiro pelas quebradas do mundo, após ganhar seu canudo na Unicamp e despedir-se de seus amigos da Engenharia Agrícola.

Sem lenço, sem documento

Na Universidade, ele era o tipo espontâneo e sempre bem-humorado que todo mundo queria como amigo. Na república, suas estrepolias valeram-lhe um apelido forte, que pegou: "Satanás". Ao concluir o curso, em fins de 83, Túlio, então com 24 anos, achou que era cedo para se "enforcar numa gravata". Vendeu o pouco que tinha e tomou um avião para Madri. Brasileiros que rodavam por Israel foram encontrá-lo instalado num kibutz em Sassa. A aventura durou dois anos.

Jornal da Unicamp — Que idéia foi essa de mandar a responsabilidade às favas e passar dois anos vagando pelo mundo?

Túlio — Seguinte: naquele momento, fim de curso, vida mais ou menos mansa, eu não queria compromisso com a estabilidade. Queria me conhecer mais, queria alguma coisa fora da segurança da família, do salário certo, do calor humano dos amigos e até da pátria. Enfim, queria saber qual era o meu poder de fogo. Eu me queria um pouco vira-lata, está entendendo? Tanto que quando pintou um emprego, eu nem quis saber.

J.U. — O plano da viagem surgiu de repente? Você tinha dinheiro?

Túlio — Tinha 240 dólares. Era tudo o que eu tinha conseguido reunir em quatro anos. Por aí você vê que a idéia da viagem não era nova. Viajei sempre de terceira classe, seja em aviões, seja em trens. Para sair do Brasil, fiz o roteiro São Paulo-Assunção-Recife pela LAP (Linhas Aéreas Paraguaias). Ficava mais barato que ir direto de São Paulo ou Rio. Um avião da LAP é um "itapemirim" no ar, um barato. As surpresas já começaram aí: conheci a bordo um figurão argentino (com comitiva e tudo) que me convidou a ir com ele pra Granada. Estava quase aceitando quando o cara começou a desmunhecar. Aí fui parar mesmo em Madri.

J.U. — Como foi a experiência em Madri?

Túlio — Bom, no aeroporto de Madri estava me esperando o Rubão. O Rubão é um amigo de Campinas que tinha ido um pouco antes de mim, a gente tinha combinado se encontrar lá. Ficamos instalados numa pensão de terceira bem no centro e aí começamos a rodar a cidade. Para economizar, a gente comia num albergue público. Se não dava pra enfrentar a fila, a gente gastava 56 pesetas com um prato de sopa e pão duro. Aprendemos que patê e pão duro se casam muito bem. Chegamos a procurar emprego, mas aí lembrei que, no avião, um casal de bailarinos tinha me falado que trampo em Portugal era muito mais fácil.

"acordei de madrugada, gelado, comecei a chorar e a conversar com a lua"

J.U. — E toca pra Portugal...

Túlio — Já estávamos a caminho quando um cara de Bragança cruzou a gente e disse que o melhor mesmo era o sul da França, onde estavam fazendo a poda da uva. E lá fomos nós. Esse amigo me ensinou três expressões em francês: "Je veux un travail", "Que-est que ce?" e "A gauche"("Quero um trabalho", "Que é isso" e "À esquerda"). Em Cébère, descobri que o sul da França era tão vago quanto, por exemplo, o oeste paulista. Então deixei escorregar o dedo no mapa e o dedo caiu em Narbonne. Cidade litorânea: se a coisa apertasse, a gente dormia na praia. Eu tinha a sensibilidade aguçada, minha capacidade de observação estava a mil. Você sabe o que é procurar trampo com uma mochila nas costas e tendo comido só uma maçã? Para matar a fome, o Rubão fumava muito. Minha mochila pesava 25 quilos, mas em Narbonne ela parecia pesar 100. Aqui tive de trocar o primeiro **travel-check**. Mesmo assim fomos dormir numa agência abandonada. Era abril e fazia muito frio. O prédio estava varrido de correntes de ar. Nessa noite acordei de madrugada, gelado, e chorei de saudade dos amigos. Apertei a correntinha de São Francisco e comecei a conversar com a lua, minha velha conhecida. Procurei me lembrar da Europa que eu tinha sonhado e uma imagem me veio na cabeça: Paris. Saltei em pé, acordei o Rubão e disse: "Cara, vou comprar passagem pra Paris". O Rubão: "Bicho, são três horas da manhã." Mas saí como um alucinado, cheguei na estação e comprei uma passagem. Só uma, pois o Rubão resolveu voltar dali mesmo. Uma pena!

"nos parques, a gente se misturava aos punks, aos negros e marroquinos"

J.U. — E aí você seguiu sozinho pra Paris?

Túlio — É. Tive de fazer uma conexão em Tolouse. Enquanto esperava o trem pra Paris, li o "Ilusões", de Richard Bach. O livro diz que quando você se joga na correnteza, se assusta. Mas com o tempo se acostuma e aprende a reagir. Aí entendi que dormir na rua, passar fome e frio era experimentar, era viver. Aí eu me disse: "É isso aí, meu, você tá vivendo". Consegui não perder esse **élan** o resto da viagem. Cheguei em Paris cansado e faminto. Tinha o endereço de um amigo brasileiro mas quando cheguei lá descobri que a Rue Fontaine 2 ficava a 50 km da cidade, no subúrbio. Abordei um casalzinho e consegui me fazer explicar com um papelzinho na mão. E, vê só, o casal me botou no carro deles e me levou lá. Depois dizem que o brasileiro é que é o homem cordial. Outra coisa que descobri é que tem gente cordial no mundo inteiro. Até em Londres.

J.U. — Como foi em Londres?

Túlio — Pisei na Ilha com 105 dólares no bolso. Em Londres me aconteceram duas coisas sensacionais. A primeira foi Mr. Windsor, gerente do Inverness Terrace Court, de Bayswatter. Ele me admitiu como **washing up** em dois períodos, o que não era permitido. Pra isso eu me registrei com dois nomes diferentes: de dia eu era Túlio Perige e de noite J. Ramos. Gostei disso. Gostei de tudo no hotel. Eu telefonava de graça pro Brasil e bebia vinho da adega. Fiquei lá um ano e calejei na coisa, chegando a me tornar agenciador de empregos para brasileiros em trânsito. Todo mundo limpando pratos, escovando o chão e descascando batatas. Mr. Windsor era liberal, tão liberal que um dia descobrimos que metia a mão no caixa. Isso era ótimo para a nossa reputação.

"na Holanda, quis tirar uma foto ao lado de uma prostituta. Quase apanhei".

J.U. Epa, falta a outra coisa!

Túlio — Ah, sim, a outra coisa foi Cristina. A primeira coisa que fiz em Londres foi descobrir o endereço dela. Deixa eu explicar: Cristina era uma garota de Campinas que tinha se mandado para Londres e agora trabalhava como arrumadeira de quartos no Garfunkel. Com ela é que eu descobri de verdade o que é o amor, se me permite falar assim. A gente saía nos fins de semana e se misturava aos punks, aos negros, aos marroquinos, a toda essa gente discriminada em Londres. Conhecemos todos os parques da cidade. São lindíssimos.

J.U. — E o que é melhor: com dinheiro no bolso.

Túlio — É, pagavam bem. Saí de Londres com 6 mil dólares no bolso. Deu até para alugar um microônibus e percorrer o Reino Unido com Cristina e uns amigos. Depois foi a Escandinávia, um mundo asseadíssimo, evoluidíssimo. Até os pipoqueiros falam inglês. Na Holanda as prostitutas se oferecem nas vitrines: você entra, elas fecham a cortina. Mas tudo dentro do maior respeito. Uma vez quis tirar uma foto com uma delas e quase apanhei. Nas praças de Amsterdam você tem de saltar por cima dos coleguinhas drogados. Mas vi também grupos de punks dando shows de ópera. O público aplaude, respeita. Agora, na União Soviética...

J.U. — Espere aí. Ao entrar na União Soviética você tinha, por assim dizer, uma idéia preconcebida? Uma ideologia a ser testada?

Túlio — Não, a única idéia-feita que me acompanhava era a admiração do pai de Cris pela URSS, e isso eu sabia por tabela. Olha, não gostei não. Na alfândega revistaram até latas de café. Em todos os lugares vi símbolos imensos, até no Circo de Moscou um holofote incidia sobre a foice e o martelo. E aquele guia no nosso pé o tempo todo. Mas as coisas funcionam e o povo não é pobre como os americanos querem fazer crer. Ficamos lá 15 dias e nos mandamos. Tinha ainda muita coisa pra ver: Polônia, Alemanha, Bélgica, outra vez Paris, outra vez Espanha, Portugal, a costa francesa, Suíça, Itália, Grécia, Chipre e finalmente (tchan-tchan-tchan) Israel.

J.U. — Ufa!

Túlio — Em Israel conheci o verdadeiro socialismo trabalhando quase três meses no **kibutz** de Sassa, norte do país. Negócio de irrigação e colheita de maçãs. Você olha prum lado e vê o médico do **kibutz** colhendo maçã igual a você. Olha pro outro e vê o diretor do **kibutz**. Você só trabalha das 6 ao meio-dia, o resto do tempo é pra curtir. Há uma infinidade de opções: piscina, cinema, tv, salas de ginástica, bibliotecas. Pode também dormir, se quiser. Se quiser passar o tempo comendo, você abre a geladeira e ela está sempre cheia de queijo, iogurte, pão e geléia. Agora, não se vê dinheiro: você tem que se contentar com 25 dólares por mês. O único problema é a falta de problemas. Aí um dia resolvi me mandar. Mas antes me levaram até o Sinai, onde Moisés recebeu as placas da lei. Dormi numa tenda com os beduínos e fui muito bem tratado. Eu olhava pros beduínos e via neles a expressão agreste dos nordestinos. Tomei isso como um sinal e marquei a passagem de volta. Estava também um pouco alarmado porque o beduíno-chefe queria-porque-queria trocar Cristina por 20 camelos. Isso era o suficiente para me enriquecer, mas como me empobreceria!

"então o beduíno-chefe me ofereceu 20 camelos em troca de Cristina"

Chegamos aqui no dia 27 de novembro de 1986.

Túlio, ao desembarcar: "Queria saber qual era o meu poder de fogo".

No Sinai, aprendendo a conviver com o deserto e com os beduínos.

No kibutz de Sassa, a experiência de colher maçãs ao lado do diretor.

Em Bruxelas, incorporado à paisagem de cartão postal.

Educação física resgata sua memória

Ocupando hoje posição relativamente discreta no sistema educacional brasileiro, a Educação Física já foi, entretanto, em épocas passadas, altamente prestigiada. Pouca gente sabe disso. Foi preocupada em resgatar a história dessa disciplina que a Faculdade de Educacão Fisica da Unicamp iniciou um trabalho denominado "Projeto Memória", e que consiste, principalmente, em entrevistas com os primeiros mestres da área do Brasil. O projeto é coordenado pelo prof. Pedro Stucchi Sobrinho.

Segundo um dos depoentes, o prof. Francisco Martins Araújo, de 77 anos, em muitas cidades do interior o professor de Educação Física tinha o mesmo status do delegado, do prefeito e até do padre. Era assim em Penápolis (SP), por exemplo, na década de 30, onde ele lecionou. "Eu era solicitado para todas as ocasiões", disse. "Do esporte à recreação pública eu estava sempre no comando das atividades". Embora fosse funcionário do Estado, a Prefeitura fazia questão de manter com ele um vínculo especial, para tê-lo sempre por perto.

A Educação Física como disciplina escolar foi introduzida no Brasil somente na década de 30, mas só em 1945 se tornou oficial. De lá para cá, contudo, houve grandes alterações em sua estrutura e modo de aplicação. Nem sempre para melhor. "Os momentos mais interessantes referem-se ao período em que essa disciplina estava vinculada à prática esportiva", afirma o prof. Ademir Gebara, do Departamento de Metodologia e Ciências Biológicas Aplicadas à Educação Física da FEF e atualmente integrado ao "Projeto Memória". Ele explica: "Essa vinculação lhe dava maior eficiência e contribuía de fato para o enriquecimento do 1.º e do 2.º grau. Hoje esse referencial se perdeu. A prática esportiva foi muito criticada e relegada. Entretanto, nenhuma linha de trabalho foi capaz de substituí-la. É justamente esse novo referencial que estamos buscando."

Gebara, Tojal e Stucchi: em busca de técnicas brasileiras para uma nova educação física.

Foi exatamente em 1930 que surgiu no Brasil um método francês desenvolvido para condicionamento de tropas. Com algumas modificações, começou a ser aplicado nas escolas estaduais, porém sem obrigatoriedade. Derivou daí o sistema atual, implantado em 1950 e conhecido como "Método da desportiva generalizada". "Esse método, entretanto, somado a outras técnicas, deteriorou-se rapidamente", afirma o prof. João Tojal, diretor da FEF. E acrescenta: "O que precisamos no momento é de desenvolver técnicas que satisfaçam nossas necessidades e deixar de lado, o quanto antes, os métodos importados."

Historicamente, o único trabalho de fatura realmente nacional é o de autoria do prof. Inezil Penna Marinho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inezil é autor, entre outros, de "História da Educação Física no Brasil". Sua contribuição não é pequena. A proposta do grupo de pesquisadores da Unicamp é ir um pouco além: não só levantar informações mas também elaborar uma análise consistente a respeito, buscando, mesmo, estabelecer novos parâmetros para o futuro.

Até o momento, foram realizadas oito entrevistas com professores que atuaram em instituições de ensino responsáveis pela introdução da Educação Física no Brasil. Além da longa experiência profissional acumulada ao longo dos anos, eles estão contribuindo também com a doação de acervos bibliográficos sobre o assunto, permitindo à FEF reunir os documentos indispensáveis da história e também para o desenvolvimento da pesquisa. A idéia, segundo o prof. João Tojal, é manter esse material na biblioteca da FEF à disposição dos interessados. As entrevistas serão enviadas para o Banco de Memória da Unicamp. Em momento oportuno, esses depoimentos, uma vez compilados e organizados, serão publicados em forma de livro.

Na Unicamp, a base intelectual do Colégio de Ciências do Esporte

Uma maior interação entre pesquisadores de diferentes áreas interessados em desenvolver pesquisas no campo teórico ou prático da Educação Física. Esta a principal preocupação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), cuja sede é, no momento, a própria Faculdade de Educação Física da Unicamp.

O presidente da entidade é o prof. Laércio Elias Pereira, também da FEF. Várias pesquisas estão em andamento na Faculdade com o apoio expresso do Colégio. Uma delas é sobre o efeito das chamadas "overdoses de vitaminas" sobre jovens halterofilistas (a consequência, como se sabe, é a esterilidade). Outra pesquisa: os níveis de destruição de neurônios em decorrência da prática do cabeceio em determinadas modalidades esportivas, como o futebol, por exemplo. Há outras linhas de trabalho em andamento.

É também responsabilidade do Colégio editar a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, a única publicação nacional do gênero e que, a exemplo das demais revistas científicas, sofre o problema de falta de patrocínio.

A revista oficial do Colégio: editada na FEF.

"Acabamos de lançar um número e estamos com mais dois em andamento. Só nos faltam recursos para a publicação", diz Laércio. Na edição mais recente, dois professores da FEF contribuíram com artigos: Antonio Dalla Pria Bankoff e Wagner Wey Moreira. A comissão científica é toda composta por docentes da Unicamp. São eles Ademir Gebara, Ieda Silveira Folegatti, João Batista Freire da Silva, Roseli Golfetti, Silvana Venâncio Freire e Wagner Wey Moreira. O vice-presidente de esportes é o prof. Lino Castellani Filho, também da FEF.

Atualmente a equipe trabalha na tradução do livro "What Research tells the coach about soccer", elaborado pela Associação de Educação Física, Esportes, Saúde e Dança dos Estados Unidos. Trata-se de uma resenha de todas as pesquisas sobre futebol realizadas no mundo.

Dos segredos do som à arte de construir cravos

Quem for ao antigo prédio do Instituto de Matemática e bater na última porta do lado direito encontrará a figura esguia de um japonês de 51 anos que passa os dias sentado diante de um microcomputador, fazendo estudos de som. Na memória desse micro estão arquivadas centenas de informações sobre diâmetro e comprimento de cordas, sonoridade e projetos para construção de cravos e clavicórdios. São instrumentos cuja origem remontam a vários séculos, mas que continuam a ser pesquisados na Unicamp pelo professor Hidetoshi Harakawa.

A história de Hidetoshi no Brasil é contemporânea do início das atividades do campus da Unicamp. Contratado em 1971 pela mão do prof. Rogério Cerqueira Leite, para ajudar a implantar o Instituto de Artes, Harakawa tinha como projeto a construção de cravos. Inicialmente instalou-se nas dependências do Instituto de Física e montou um pequeno laboratório de som. Embora não seja físico de formação (é graduado em Artes pela International Christian University de Tóquio) suas pesquisas misturam física, artesanato e criatividade.

A paixão pela música sempre foi uma das características marcantes desse japonês que chegou ao Brasil em 1961 para tentar a sorte e "viajar". Aqueles que estudaram ou estavam de alguma forma ligados à Unicamp no começo dos anos 70 ainda se lembram dos "Concertos do Meio-Dia" organizados pelo prof. Hidetoshi às terças e quintas. O concerto, que consistia na audição de discos ou fitas e contava sempre com um programa impresso e uma explicação sobre a obra em texto mimeografado, era distribuído pelas mãos do próprio Hidetoshi, que acompanhava com vigilância a entrada de cada aluno, sempre pedindo silêncio. Foi também Hidetoshi quem introduziu no currículo o curso de flauta doce, instrumento que ele mesmo fabricava e distribuia gratuitamente aos alunos. "Ao todo foram realizadas mais de 250 audições musicais", diz Hidetoshi. "Realizei mais de 20 audições ao vivo e trouxe uma vez o francês Huguette Dreyfuss, considerado um dos maiores cravistas do mundo."

Talvez o principal responsável pela difusão do som de Hidetoshi pelo Brasil seja Helena Jank, professora do Departamento de Música do Instituto de Artes e um dos três ou quatro maiores nomes do cravo no país. Em suas apresentações, ela sempre dá preferência ao cravo de Hidetoshi. "É um dos melhores do mundo", garante, "e compara-o sem receio ao Wittamayer e ao Neupert, ambos da Alemanha, bem como ao francês Sowd e ao norte-americano Hubbard".

Hidetoshi: "Já sobrevivi construindo flautas doces".

Helena Jank, cuja longa formação musical foi feita na Alemanha e que há anos vem se apresentando nas mais requintadas salas européias, conhece os cravos de Hidetoshi desde 1980. Mais recentemente gravou um disco — as "Variações Goldberg", pela Gravadora da Unicamp — utilizando-se de um desses cravos.

Quando Hidetoshi chegou à Universidade, tinha em mente montar um curso específico para construção de instrumentos musicais. "Tinha experiência na área", lembra Hidetoshi, "inclusive sobrevivi muito tempo em São Paulo construindo flautas doces que, segundo quem entende, eram tão boas quanto as importadas". Mas o curso acabou não acontecendo e Hidetoshi iniciou sozinho seu projeto de construção de cravos.

Mas, para levar seu plano adiante, Hidetoshi enfrentou uma série de contratempos. Em primeiro lugar teve que adaptar ou "nacionalizar" as madeiras utilizadas na construção de cravos. A tábua mais importante do cravo é a tábua harmônica, que é a base do instrumento. Na Europa utiliza-se o abeto, inexistente no Brasil. Por isso utilizou o pinho do Paraná que, embora seja madeira mais pesada que o abeto, permite uma sonoridade excelente. Baseado exclusivamente em suas pesquisas de som e computacionais, Hidetoshi saiu-se com uma invenção que consiste na fixação de molas na 'unha' do cravo. As pesquisas apontaram também qual a tensão perfeita das cordas. Essas inovações acabaram por tornar os cravos de Hidetoshi famosos em todo o Brasil.

Para construir seus cravos, Hidetoshi trabalha sozinho em sua pequena oficina. "Minha mulher me ajuda na construção", diz ele, que faz tudo a partir da madeira bruta. Mais recentemente ele descobriu outras madeiras tão boas quanto o abeto e o pinho, como o pau-marfim, o amendoim, o jacarandá da Bahia e o mogno. A construção de um cravo, da concepção do projeto até sua conclusão, leva em média nove meses — "uma gestação", frisa Hidetoshi. De sua oficina já saiu mais de meia dezena de cravos. Alguns permanecem na Unicamp, outros estão em teatros pelo Brasil afora. Um deles, por exemplo, foi doado pelo governo paulista ao teatro Amazonas, doação que rendeu a Hidetoshi muita madeira para construir novos cravos.

Além da técnica, paciência é a principal exigência para o ofício. Não se trata apenas de cortar e lixar madeiras, é preciso encaixar milimetricamente as 61 teclas que compõem o teclado e esticar afinadamente 183 cordas — três para cada tecla. "Isso dá muito trabalho", admite, "mas também dá prazer".

No ano passado ele dedicou-se de corpo e alma a um outro projeto, recentemente concluído: a construção de um clavicórdio, instrumento semelhante ao piano mas que permite a vibração da corda, obtendo-se um efeito só possível no violino. "Era o instrumento preferido de Bach, que compôs nele a maior parte da sua obra", explica. Mas os projetos não param. Agora mesmo ele acaba de "bolar" um novo cravo com surpreendentes inovações em relação ao convencional, especialmente quanto ao comprimento das cordas e a seu diâmetro. O objetivo é alcançar um som mais puro que o dos melhores exemplares do mundo.

Conheça o perfil do novo aluno

Aprecia a leitura, é oriundo de escola particular, nunca foi reprovado, fez cursinho preparatório, está consciente do curso escolhido e teve inclusive a aprovação dos pais. É voltado para atividades artísticas e culturais, fala pelo menos uma língua estrangeira e espera, da Universidade, principalmente formação profissional. Seus pais, regra geral, fizeram curso superior e a renda familiar não é inferior a 10 salários mínimos. Sempre morou com a família e é a primeira vez que sai para morar fora de casa.

Genericamente, é este o perfil do novo aluno da Unicamp, um indivíduo que apresenta, afinal, nível socioeconômico acima da média. Pelo menos foram estes os dados levantados a partir de um extenso e detalhado questionário de 47 questões respondidas pelo candidato no ato da inscrição para o vestibular de 1987. Essas informações já permitiram ao Grupo de Assessoria Técnica de Pesquisa do Ensino e Trabalho, da Unicamp, certificar-se de uma primeira conclusão: o perfil do novo aluno não difere muito do que ingressou em 1986.

Entretanto, se ainda não foi possível alcançar as classes menos privilegiadas (ou seja, aquelas que, mesmo não podendo freqüentar cursinhos, mantêm um bom padrão intelectual), ao menos se constatou que um dos objetivos do novo vestibular da Unicamp foi conseguido: atraiu-se para a Universidade aqueles candidatos com maior capacidade de articulação mental e maior grau de informação. Constatou-se, por exemplo, que 47% dos inscritos utilizam-se de tv para se manterem a par dos acontecimentos, 28% lêem jornal diariamente e 18% se utilizam de revistas semanais. Já entre os aprovados a proporção é um pouco diferente:, 33% lêem jornal, 38% optam pela tv e 23% preferem revistas informativas. Os números mostram que o novo aluno da Unicamp lê mais e que, em conseqüência, levou vantagem sobre os demais.

Os números revelam ainda outros detalhes interessantes: 63% dos aprovados fizeram o segundo grau em escolas particulares, 94% desconhecem reprovação, 61% fizeram cursinho, 77% já prestaram vestibular e 30% já estão matriculados em algum curso superior.

O questionário procurou medir também o nível cultural do pai do candidato. Assim, soube-se que 47% têm curso superior e ocupam cargos de gerência ou diretoria, são profissionais liberais ou ainda proprietários de empresas médias. As mães trabalham regularmente e 60% delas têm 2.° grau no mínimo. O bom nível cultural e o privilegiado padrão socioeconômico determinam os seguintes dados: 76% dos alunos não trabalham, 79% dependem dos pais, 80% moram com a família, 42% apreciam leitura, 24% música e 17% preferem tv. Outro dado que causou surpresa foi a informação de que 10% dos alunos falam habitualmente em casa inglês ou japonês (5% para cada idioma), e 70% têm domínio de uma ou mais línguas. "É uma informação surpreendente", diz o prof. James Maher, da Faculdade de Educação.

A expectativa do aluno com relação à universidade também é outro dado que merece destaque: 45% buscam na Unicamp formação profissional para o trabalho; 15% formação teórica para pesquisa e 12% querem adquirir conhecimentos que lhe permitam compreender melhor o mundo. Com respeito às atividades extra-classe, a surpresa foi ainda maior: somente 2% se dedicam à política ou mostram tendências partidárias, 38% optam pelas atividades artísticas e culturais e 36% pelas esportivas.

Comparativo com 1973

O grupo fez ainda um trabalho de comparação entre os dados atuais e os obtidos em 1973. Naquela época, somente 15% dos pais de alunos tinham curso superior completo ou incompleto; hoje esse percentual subiu para 53% (considerando pai e mãe). Em 73, 50% dos pais de alunos tinham apenas o curso primário, hoje o índice anda por volta de 16%. O poder aquisitivo do pai do candidato também subiu: em 73, 18% ganhavam mais de 20 salários mínimos; hoje, 39% estão nessa faixa.

Em 1973, o índice de candidatos que saiu de escola pública para os bancos da Unicamp era de 62%; hoje o percentual foi reduzido para 28%. Essa busca cada vez maior pela rede particular de ensino, segundo o prof. Jocimar Archangelo, membro do grupo, reflete a queda de nível do ensino público. "A desorganização do 2.° grau começa pela política educacional adotada pelo governo federal a partir de 1967", diz Archangelo.

A partir dessa época — segundo ele — diante do grande fluxo de alunos em busca de ensino superior, o governo congelou as vagas nas universidades públicas, estimulou a abertura indiscriminada de escolas particulares de terceiro grau e iniciou a implantação do ensino profissionalizante obrigatório a nível de 2.° grau. Paralelamente promoveu a redução do investimento nacional em Educação e o achatamento salarial dos professores, obrigando-os a ampliar cada vez mais sua carga de trabalho. Todos esses fatores implicaram em visível queda na qualidade do ensino especialmente nas décadas de 70 e 80. "Não é, portanto, o vestibular o principal responsável pela elitização do ensino superior" — diz Archangelo — mas sim o complexo processo político e econômico pelo qual o país passou."

MCT confere prêmio a pesquisador da Unicamp

Os 46 anos dedicados à pesquisa na área de geologia básica (estudo dos fenômenos geológicos) levaram o governo brasileiro a conceder ao cientista Fernando Flávio Marques de Almeida o "Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia". Incorporado há ano e meio ao corpo docente da Unicamp, o prof. Fernando Marques recebeu do presidente José Sarney, no último dia 30 de janeiro, no Palácio do Planalto, além de diploma e medalha de ouro, um cheque no valor de Cz$ 436 mil. O prêmio — o maior concedido no país na área de Ciência e Tecnologia — foi também conferido ao pesquisador Adolar Pieske, doutor em engenharia metalúrgica pela Escola Politécnica da USP, em reconhecimento aos trabalhos realizados no campo da metalografia e da metalurgia básica.

Entre os trabalhos mais notáveis do prof. Fernando Marques, destacam-se pesquisas realizadas nas ilhas de Fernando de Noronha e Trindade. "Interessei-me por esses paraísos não apenas por sua beleza natural, mas especialmente pela composição geológica", diz Marques. Essas ilhas foram palco de turbulentas atividades vulcânicas há alguns milhões de anos atrás. A acomodação geológica dessas ilhas, hoje em dia, deve-se — segundo Marques — principalmente a um processo de deslocamento dos continentes, lembrando que a América do Sul e a África um dia estiveram ligadas. Esse deslocamento, que recebe o nome de "Teoria da tectônica de placas", se iniciou também há 200 milhões de anos, continua ainda hoje, com deslocamento da América do Sul rumo ao Oeste, numa base aproximada de cinco centímetros por ano.

As pesquisas mais notáveis do prof. Marques concentram-se nas ilhas de Fernando de Noronha (foto) e Trindade.

Preocupado com a invasão turística iniciada recentemente na Ilha de Fernando de Noronha, o prof. Marques tem alertado o governo para que não permita a ação predatória que normalmente ocorre nos chamados "paraísos". "Conheço muitas regiões do mundo, mas considero Fernando de Noronha um espaço privilegiado pela natureza. É preciso que o turismo seja praticado com muita cautela", afirma. Em situação quase semelhante, embora ainda sem os riscos do turismo intenso, está a Ilha de Trindade, a 1.300 km da costa do Espírito Santo. É neste éden que as tartarugas marinhas ainda encontram um refúgio seguro para a desova.

Natural do Rio de Janeiro (1916), o prof. Fernando Marques já mostrava interesse pela ciência ainda quando cursava o Ginásio São Bento, em São Paulo. Filho de um bancário bem-sucedido — coisa possível há algumas décadas — chegou a fazer Contabilidade Bancária, por influência natural do pai. Porém o interesse pela natureza falou mais alto, levando-o a cursar Engenharia Civil na Escola Politécnica da USP, com especialização em Geologia, Mineralogia e Petrografia. Já em 1938, aos 22 anos, foi escolhido pelo prof. Moraes Rego como aluno-assistente do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Dois anos mais tarde, já formado, assumiu o cargo de assistente do mesmo prof. Rego, na Poli, quando pôde realizar suas primeiras pesquisas na área de geociências, e mais tarde os trabalhos sobre Fernando de Noronha e Trindade, que lhe valeram as teses e os títulos de mestre e doutor, respectivamente.

Ao todo, somou 33 anos de ensino e pesquisa na Poli, até que em 1974, ao se aposentar, transferiu-se para o Instituto de Geociências da USP. Um convite do IPT, em 1978, manteve-o naquele Instituto até 1985, quando então licenciou-se para integrar o corpo docente da Unicamp em 1985, mais precisamente no Departamento de Metalogênese e Geoquímica do Instituto de Geociências. Aqui, além de suas atividades como professor de Geotectônica e Depósitos Minerais do Brasil, desenvolve duas linhas de pesquisa: uma sobre os kimberlitos, rocha matriz do diamante, outra sobre os vulcões existentes na América do Sul.

Hoje, aos 71 anos (a aparência e o dinamismo desmentem a idade), o prof. Fernando Marques afirma que a situação de pesquisador no Brasil, principalmente na sua área, já experimentou melhores dias. "Há dez anos, quando a crise econômica não se mostrava tão aguda, as oportunidades eram mais freqüentes e as atividades de pesquisas mais intensas." Por outro lado não esconde seu orgulho pelo fato da maioria de seus projetos ter recebido apoio e reconhecimento por parte dos órgãos financiadores. O prof. Marques destaca ainda que os problemas de natureza financeira ou burocrática, que geralmente acarretam morosidade no andamento das pesquisas, são compensados na Unicamp pelo espírito coletivo e pela incessante busca de novas descobertas por parte dos pesquisadores do Instituto de Geociências. "Trata-se de um grupo bastante ativo", afirma, "e que promete muitos frutos em curto espaço de tempo".

Biologia celular avalia seu desempenho

A produção científica, realizada nos três últimos meses pelo departamento de Biologia Celular do Instituto de Biologia da Unicamp foi apresentada na 11.ª Reunião Científica de Férias de Verão, ocorrida no último dia 20, no anfiteatro do IB. Foram apresentados ao todo 24 trabalhos, com a participação de alunos de graduação, pós, docentes do próprio IB e professores convidados de outras universidades.

O encontro, idealizado pelo prof. Benedicto Vidal e organizado pelas professoras Maria Luiza Mello e Shirlei Recco-Pimentel, serviu para congregar e conferir maior unidade científica ao grupo de professores e alunos do Departamento de Biologia Celular. Foi discutido não só o andamento de cada pesquisa mas também o seu alcance social. O encontro vem sendo realizado desde 1977.

Embora a proposta do encontro seja a exposição dos trabalhos realizados nos últimos meses, algumas pesquisas, iniciadas em anos anteriores, também tiveram espaço. É o caso da "Molecular order as the structural bases for the Extracellular — Matrix (ECM) and cell — ECM interactions", que será apresentada entre 16 e 18 deste mês, pelo próprio autor, o prof. Vidal, no I Congresso de La Federación Iberoamericana de Biologia Celular y Molecular que acontecerá em Barcelona, Espanha.

O encontro foi marcado ainda pelo lançamento do livro "Biologia Celular", que reúne trabalhos diversos de pesquisadores da área. A obra difere das demais no sentido de que foi especialmente elaborada em função das carências deste setor de pesquisas, a partir de levantamentos feitos pelos autores junto à categoria. "A exceção de algumas ilustrações de procedência internacional", explica Vidal, "o livro é todo brasileiro". Num campo onde se depende quase umbilicalmente da literatura estrangeira, a obra não deixa de ser um primeiro esforço de libertação intelectual.

O livro: "Um esforço de libertação intelectual".

Gil, Mautner e João Bosco são atrações na Calourada

Gilberto Gil, Jorge Mautner, João Bosco. Estas atrações, além de uma série de filmes, peças teatrais, seminários e cursos, compõem o programa preparado pelo DCE para recepcionar os quase 1.300 calouros que a partir deste ano passam a integrar o corpo discente da Unicamp. A programação será iniciada dia 9 de março, com a apresentação do filme "Atol das Rocas", estendendo-se até 4 de abril, com um "Encontro de Corais". É esta a programação:

"Semana Verde": **dia 9/3** — 12h00 (CB-10). Filme "Atol das Rocas"; 12h30 (CB-05), ciclo de ensino. **Dia 10** — 12h00 (CB-10), filme "Antártida"; 12h30 (CB-05), ciclo de ensino. **Dia 11** — 12h00 (CB-10), filme "Dersu Zalá"; 21h00, (ginásio multidisciplinar), show "João Bosco". **Dia 12** - (CB-10), filme "Jacques Custeau na Amazônia"; 18h00 (teatrinho de Arena), Festa Verde, som ao vivo e exposições. **Dia 13** — 12h00 (CB-10), filme "Koyaaniskatsy"; 12h30 (CB-05), curso de comunicação; 16h00 (IFCH), Show Punk e Festa.

Gil vem ajudar a recepcionar os 1.300 calouros da Unicamp.

"Semana dois": **dia 16** — 12h30 (CB-05), seminário Movimento Estudantil; 14h00, Festa Surpresa; 18h00, filme "Infinita Tropicália"; 19h00, palestra "Tropicalismo" (Adilson Ruiz). **Dia 17** — 12h30 (Centro de Convenções), Administração Cultural — debate com Gilberto Gil, Jorge Mautner e Antônio Arantes; 14h00 (DCE), Oficina de Fantasias; 21h0 (ginásio), show com Gilberto Gil e Jorge Mautner (Projeto Aquarelas do Brasil). **Dia 18** — 12h00 (CB-10), filme "Os Doces Bárbaros"; 12h30 (CB-05), ciclo de ensino; **Dia 19** — 14h00 (IEL), Festa Medieval; 17h00 (IEL), show "Luli e Lucina". **Dia 20** — 12h30 (CB-05); curso de comunicação.

"Semana Tragédia Carioca": **dia 23** — 12h00 (CB—10), palestra sobre Nelson Rodrigues (Carlos Vogt); 12h30 (CB-05), seminário Movimento Estudantil. **Dia 24** — 12h00 (CB-10), filme de Nelson Rodrigues; 12h30 (CB-05), ciclo de ensino; 14h00 (DCE), Oficina de Imprensa. **Dia 25** — 12h00 (CB-10), filme de Nelson Rodrigues; **Dia 26** — 12h00 (CB-10), filme de Nelson Rodrigues; 12h30 (Imecc), Sinfônica Jovem. **Dia 27** — 12h30 (CB-05), curso de comunicação. **Dias 28 e 29** — jornadas esportivas na Faculdade de Educação Física.

"Semana Qorpo Santo": **Dia 30** — 12h30 (CB-05), seminário e movimento estudantil; 14h00 (barracão de Artes Cênicas), palestra com Flávio Aguiar; 16h00 (barracão), peça de Qorpo Santo; **Dia 31** — 12h30 (Básico), depoimento: Anos 30 — Luis Carlos Prestes; 13h00 (barracão), Qorpo Santo — poesias e cantos; 15h00 (barracão), peça de Qorpo Santo. Dia **1.°/4** — 12h30 (CB-05), Ciclo de Ensino; 13h00 (barracão), Corpo Santo — coreografia; 15h00 (Barracão), peça de Qorpo Santo; 21h00 (ginásio), Show "Plebe Rude". **Dia 2** — 13h00 (barracão), Qorpo Santo — video. **Dia 3** — 12h30 (CB-05), curso de comunicação; 16h00 (Observatório a Olho Nu), festa e encontro de corais.

João Bosco canta no dia 12 no Ginásio de Esportes.

DE OUTROS CAMPI

Manejo florestal na UFV — Uma contribuição significativa para a ciência florestal foi dada pelo engenheiro florestal Antônio Joaquim de Oliveira. Ele desenvolveu uma pesquisa inédita no País para a obtenção do seu título de Mestre, pela Universidade Federal de Viçosa. Com o título "Desenvolvimento de um Sistema Computacional para Simular e Comparar Economicamente as Operações de Reforma, Adensamento e Interplantio em Povoamento de Eucaliptos", a tese de Oliveira, recentemente defendida, traz novas alternativas para execução de manejos para florestas de eucalipto, com grande repercussão na economia dessa cultura.

Concurso Nacional de Tecnologias Apropriadas — Estão abertas as inscrições para o 4.° Concurso Nacional de Tecnologias Apropriadas promovido pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). O tema do concurso, cujas inscrições encerram-se a 30 de abril, é "Alimentos Básicos". Maiores informações através do telefone (061) 272-3799.

UFF no Plano Nacional de Irrigação — A Universidade Federal Fluminense está se integrando ao Plano Nacional de Irrigação. Vários projetos foram elaborados pelo Instituto de Geociências da UFF. O objetivo é a formação de técnicos de nível médio e superior para fomentar a cultura irrigada no interior do Estado, além da instalação de unidades demonstrativas de culturas irrigadas, assim como a pesquisa de impactos ambientais após a implantação de projetos de irrigação mal elaborados.

Unisinos pesquisa refertilização biológica — A Universidade do Vale do Rio dos Sinos, do Rio Grande do Sul, desenvolve pesquisa sobre refertilização biológica do solo. O trabalho é coordenado pela bióloga Christina Knapper, que desenvolve projetos-piloto de vermicultura (minhocário) e vermicomposto (composto biológico) junto às escolas de 1.° e 2.° graus da região. A utilização de minhocas na refertilização do solo vem obtendo excelentes resultados.

Congresso de Zoologia na UFJF — A Universidade Federal de Juiz de Fora sediou, de 1.° a 6 de fevereiro, o XIV Congresso Brasileiro de Zoologia. Durante o Congresso, foram apresentados cerca de 700 trabalhos de pesquisas da área. Especialistas da Unesp, Unicamp e UFMJ, Universidade Federal do Paraná, Escola Paulista de Medicina, ministraram vários cursos.

UFRJ descobre fóssil de inseto com 10 mil anos — Um fóssil de ninho de vespa social coletado em 1975 por professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, numa gruta de Minas Gerais, poderá alterar os estudos da evolução das vespas Néo-Tropicais. A estimativa do fóssil é de 10 mil anos. A descoberta, que tem sido objeto de pesquisa de estudiosos de várias universidades brasileiras, poderá acrescentar subsídios importantes à discussão da origem e da trajetória da espécie na América do Sul.

História do Museu Goeldi vira livro — A história do Museu Paraense Emilio Goeldi, que acaba de completar 120 anos de existência, está contada em livro. Editado pelo Projeto Cultural do Banco Safra, o livro sobre o Museu Goeldi mostra seu rico acervo e faz uma descrição detalhada de sua participação no desenvolvimento científico de áreas como Antropologia, Botânica e Zoologia.

Laboratório de eletricidade na FURB — Com a recente liberação de uma verba de Cz$ 12 milhões do Ministério da Educação, a Universidade Regional de Blumenau poderá agora iniciar a implantação de seu laboratório de eletricidade no Instituto de Pesquisas Tecnológicas da Universidade. A previsão é de três anos para a construção do laboratório.

Unifor pesquisa demência em Fortaleza — A Universidade de Fortaleza realizou uma ampla pesquisa sobre demência no período de 1978 a 1985. O trabalho final apontou para o seguinte quadro: de um total de 16.106 internações na Casa de Saúde São Gerardo, em Fortaleza, 197 receberam o diagnóstico de demência. A faixa etária onde foi registrada o maior índice de demência foi de 65 a 94 anos, havendo predominância em pessoas do sexo feminino.

Convênio com MEC traz Cz$ 4,5 milhões

O reitor Paulo Renato assinou com o Ministério da Educação convênios no valor total de Cz$ 4.561.273,00. Os convênios fazem parte da segunda fase do programa "Nova Universidade"

Os projetos contemplados pela segunda fase do PNU são: "Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual", "Cooperação Acadêmica entre a Secretaria da Educação de Minas Gerais e a Faculdade de Educação", "Estágio nas Empresas", "Melhoria da Coleção Didática do Sistema de Bibliotecas da Unicamp", "Melhoria das Condições de Ensino nas Disciplinas de Didática, Planejamento e Avaliação do Ensino, nas habilitações da Graduação em Pedagogia", "Laboratório de Psicologia Genética", "Tempo: Tema Norteador para Ensino de 1.° grau integrado a contexto social cultural", "Departamento de Planejamento da Produção Agropecuária", "Laboratório de Elementos de Máquinas para o Departamento de Engenharia Mecânica", "O Ensino da Matemática para Engenharia", "Melhoria dos Cursos de Graduação em Engenharia" e "Micros".

Nobel alemão abre na Unicamp Escola de Física

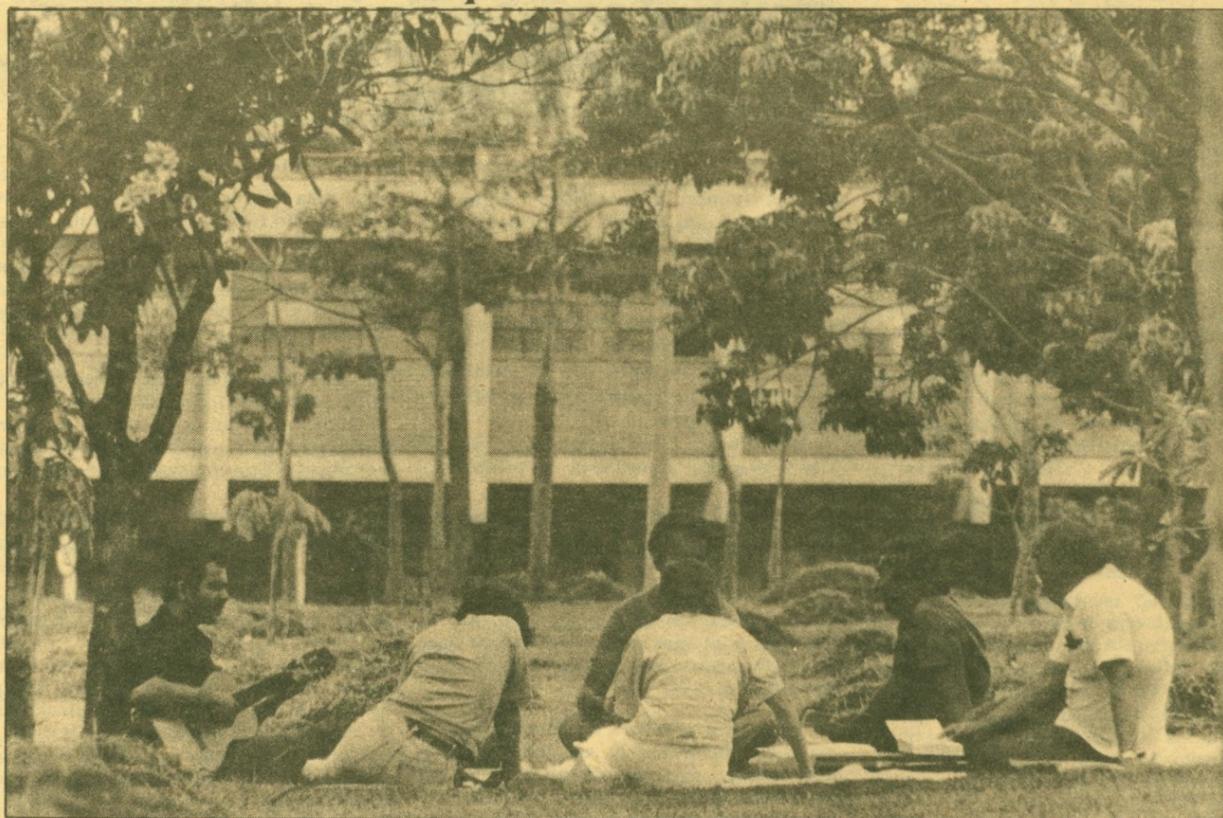
Para abrir aTerceira Escola Brasileira de Física de Semicondutores, esteve na Unicamp, no último dia 16 de fevereiro, o ganhador do Prêmio Nobel de Física em 85, Klaus von Klitzing, diretor do Instituto Max Planck, de Stuttgart (Alemanha Ocidental). A pesquisa de von Klitzing teve por base o efeito "hall" quantizado, trabalho cujo objetivo era observar como a corrente elétrica flui nos dispositivos, resultando num padrão invariável de resistência elétrica. Atualmente, von Klitzing atua no campo do artesanato de gálio, inserido no rol dos novos materiais que podem revolucionar a microeletrônica, possibilitando o processamento de informações de modo mais acelerado. A Unicamp, por outro lado, deverá ingressar nesse campo num prazo de dois anos e até já existe um projeto tramitando pela Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), onde se pleiteia US$ 1,5 milhões de dólares para a aquisição de uma máquina que possibilite o início de estudos de novos materiais.

Dia 25, a presença de Gore Vidal

Gore Vidal, 62 anos, um dos mais polêmicos escritores norte-americanos contemporâneos, vai estar na Unicamp (Centro de Convenções) no próximo dia 25, a partir das 10 horas, para duas conferências, e à noite no teatro interno do Centro de Convivência Cultural, em Campinas.

Com vários livros publicados no Brasil, entre eles "The City and the Pillar" (1948), "Myra Breckinridge" (1968) e "Juliano" (1968), a vinda de Gore Vidal faz parte de um projeto comum do jornal Folha de S. Paulo, a Unicamp e a editora Companhia das Letras, e que pretende trazer ao Brasil ensaístas de renome internacional como a norte-americana Susan Sontag ("Sob o signo de Saturno") e o cubano Cabrera Infante.

Na Unicamp, Vidal não se limitará a discorrer sobre um tema específico. Segundo o prof. Carlos Vogt, coordenador geral da Universidade, o ensaísta e escritor deverá conversar com o público respondendo perguntas sobre os mais variados assuntos — principalmente literatura, história americana e política internacional.

O passeio da câmara

Na Praça da Paz, um instante para a oração e o recolhimento. A fé não exclui o violão.

vida universitária

ENCONTROS

Seminário sobre movimento estudantil — O Arquivo Edgard Leuenroth e o DCE-Unicamp promovem em março e abril uma série de seminários sobre o movimento estudantil no Brasil. Todos serão realizados às 12:30h, no prédio do Ciclo Básico. No dia 16/3, o tema em discussão será "Formas de Pensar o movimento estudantil", com o historiador da Unicamp, Marco Aurélio Garcia e o cientista político Artur Ribeiro Neto, da ANPOCS. Dia 23/3, "A grande política do movimento estudantil-1968", terá como debatedores o professor de história da Unicamp Alcir Lenharo e o cientista político João Alberto Martins Filho, também da Unicamp. Dia 30/3, "Transformações e desvios do movimento estudantil — década de 1970", com a historiadora Mirza Vasconcelos, pós-graduanda da Unicamp, o deputado estadual Geraldo Siqueira e os estudantes "Calói" e "Batata". No dia 6/4, com a participação de estudantes de diferentes posicionamentos políticos o debate versará sobre "Movimento Estudantil Contemporâneo".

CURSOS

Dança — O Departamento de Dança e Artes Corporais do Instituto de Artes da Unicamp promoverá este mês três cursos de extensão. Mais informações pelo telefone 39- 1301, ramal 2531.

Educação Física — O Departamento Técnico Desportivo da Faculdade de Educação Física da Unicamp realizará, este mês, dois cursos de extensão: "Voleibol Recreativo" e "Teoria e Prática da Educação Física Escolar — 1.ª a 4.ª séries do 1.º grau". Maiores informações pelo telefone 39-1301 - ramais 2279 ou 2059.

Funcionários — A Diretoria Geral de Recursos Humanos (DGRH), através do Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Universidade, realizará em março uma série de cursos para funcionários. Para ampliar o leque de cursos de reciclagem e formação de pessoal, a Unicamp está cadastrando docentes, profissionais com experiências didáticas e alunos de pós-graduação para ministrarem cursos de curta duração em diferentes áreas. Maiores informações pelo ramal 2445.

LIVROS

"Doenças sexualmente transmissíveis", de Paulo César Rodrigues Palma, supervisor do Hospital das Clínicas da Unicamp e professor da FCM, e Lísias Nogueira Castilho, pós-graduada em cirurgia de FCM. Lançada no último dia 25, a obra oferece ao público leigo uma visão geral das 24 patalogias sexuais mais comuns. Editora da Unicamp/Ícone, série "Como Enfrentar", 116 páginas.

EM DIA

Balcão de empregos para graduandos — O SAE (Serviço de Apoio ao Estudante) está renovando seu cadastro de empregos temporários. Se você é estudante de graduação e deseja um emprego temporário, procure o SAE (ramais 2913, 2020, 2393 ou 2717), mostre suas habilidades e poderá ter um lugar no mercado. Trabalhos de datilografia, tradução e **baby sytter** também estão sendo gerenciados pelo SAE.

Inscrições para bolsas — as inscrições em bolsas para os calouros estarão abertas a partir de 9 de março, no SAE. Na mesma época estarão abertas as inscrições para as bolsas de pesquisa destinadas a veteranos.

Projeto Básico 12h30 — Começa no dia 12 de março o "Projeto Básico 12:30", promovido pelo Serviço de Apoio ao Estudante, através de sua área cultural. O projeto consiste basicamente na apresentação de espetáculos musicais com um máximo de 60 minutos de duração. O espetáculo terá lugar todas as quintas-feiras às 12:30h, num palco montado no pátio interno do prédio do Ciclo Básico. A programação para março é a seguinte: 12/3 — **Grupo Chaski**, com sua música folclórica latino-americana; 19/3 — **Grupo Origem**, com os ritmos regionais da música popular brasileira; 26/3 — **Grupo Mojave**, apresentando jazz instrumental.

Videoart — O projeto videoart do SAE tem início no dia 9 de março. Trata-se de uma mostra semana em vídeo-cassete. A projeção será feita todas as terças-feiras, às 12h, no Básico. A programação de março é a seguinte: 9/3 — "A história oficial", de Luiz Puezo; 16/3 — "O casamento de Maria Braun", de R. W. Fassbinder; 23/3 — "Queimada", de V. Pontecorvo; 30/3 — "Ascensão e Queda do III Reich", de Jack Kausman. Folhetos contendo ficha técnica e breve sinopse dos filmes serão distribuidos antes de cada exibição, no campus da Universidade.

Atletas amadores da Unicamp — Uma equipe de halterofilistas formada por atletas amadores da Unicamp, sob a responsabilidade do técnico Antônio Carlos Francischetti, professor da Faculdade de Educação Física da Universidade, conquistou importantes medalhas e troféus durante o I Torneio de Halterofilismo de Mogi-Mirim, realizado em 21 de dezembro último. A equipe, formada pelos funcionários Edilson Luis Gallinari, Marcelo Eduardo de C. Sabioni, Antônio Santos de Freitas e pelos alunos Klaus Werner Goede, Renê Leite do Canto e Edvaldo Donizetti de Campos, arrebatou o segundo e o terceiro lugar do torneio. Participaram 46 atletas de várias cidades da região. A equipe da Unicamp representou a cidade de Campinas e, devido à sua atuação, foi convidada a participar do Campeonato de Levantamento Básico promovido pela Liga Campineira de Halterofilismo que se realizará em abril próximo.

Unicamp na Antártida — Nilton Mengotti Silva, aluno do 4.º ano do Instituto de Física, embarca no próximo dia 9 para a Estação Brasileira Comandante Ferraz, na Antártida. Ele ficará aproximadamente nove meses trabalhando em medidas da anisotropia da radiação cósmica a grandes altitudes. Nilton, que terá ao seu lado mais três pesquisadores do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), é o primeiro aluno de graduação do IF enviado a uma expedição à Antártida.

Conto: ganhador recebe prêmio — O reitor Paulo Renato Costa Souza, em solenidade realizada no último dia 16 de fevereiro, na Reitoria, entregou ao jovem escritor Antônio Augusto Mariante Furtado, o prêmio referente à primeira colocação no Concurso Nacional de Contos promovido pela Universidade. O trabalho de Antônio Augusto, intitulado "A putrefação de vovó", será agora publicado pela Editora da Unicamp. Gaúcho de Porto Alegre, graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUC do Rio Grande do Sul, o autor é detentor de outros prêmios tais como o Habitasul e Petrobrás. Tem ainda trabalhos publicados na antologia "Geração 80" (Mercado Aberto/84), com "Sonho I (Caso Objetivo)" e "Zona Tórrida". Antônio Augusto participou do concurso de contos da Unicamp concorrendo com mais de 230 autores de todo o Brasil.

Diretor da Feagri preside sessão no IAC — O prof. José Luiz Vasconcellos da Rocha, diretor da Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp, presidirá a Sessão II Eco-Fisiologia que acontecerá no Simpósio sobre Manejo da Água na Agricultura, nos dias 17, 18 e 19 deste mês, no Instituto Agronômico Campinas. A promoção é da Fundação Cargill, que presta assim sua homenagem ao IAC no ano de seu centenário.

Diretoria do DCE — A nova diretoria eleita para o ano de 1987 do Diretório Central de Estudantes da Unicamp é composta dos seguintes estudantes: Tchezinho (Biologia), Takeo (Química) e Vitor (Biologia), como coordenadores. À frente da **imprensa** está Narci (Engenharia Elétrica), do **ensino**, Bia (Medicina), **esportes** Fernando (Educação Física), **C. externos** Luiz (Física). Os titulares para o Conselho Universitário são: Pedro (Sociais), Flávio (Química), Serginho (Engenharia Agrícola), Kalil (Química), Galdino (Lingüística), Luiz (Física), Julião (História), Hamilton (Engenharia Alimentos), Benjamim (Pós-Alimentos), Paulinho (Pós-Computação), Paulo (Pós-Alimentos) e Zé Humberto (Pós-Alimentos). Os titulares para a Câmara Curricular são: Bia (Medicina), Pardal (História), Léo (Sociais).

Núcleo de Estudos Constitucionais — Criado no mês passado, o Núcleo de Estudos Constitucionais da Unicamp vem-se reunindo regularmente sob a coordenação do prof. Eliézer Rizzo de Oliveira. O Núcleo acompanha atentamente os trabalhos dos constituintes.

calendário

Dia 9, Segunda-feira, 12 horas — Início do "Projeto Videoart do SAE, com projeção do filme "A história oficial". Local: Ciclo Básico.

Dia 10, Terça-feira, 20 horas — Núcleo de Estudos Psicológicos. Palestras ministradas pelo prof. Maurício Knobel. Centro de Convenções.

Dia 11, Quarta-feira, 9 horas — Curso de Mecatrônica e Mancais Magnéticos ministrado pelo prof. Hans Ing Weber. Centro de Convenções.

Dia 12, Quinta-feira, 9 horas — Curso de Mecatrônica e Mancais Magnéticos. Centro de Convenções.

Dia 12, Quinta-feira, 12,30 horas — Início do "Projeto Básico 12:30". Grupo Chaski, com música folclórica latino-americana. Local: Ciclo Básico.

Dia 13, Sexta-feira, 9 horas — Curso de Mecatrônica e Mancais Magnéticos. Centro de Convenções.

Dia 16, Segunda-feira, 12 horas — Videoart com o filme "O casamento de Maria Braun", no Ciclo Básico.

Dia 17, Terça-feira, 12 horas — Arte, Ciência e Consciência. Coordenação do prof. Arnoldo de Hoyos. Centro de Convenções.

Dia 17, Terça-feira, 14:30 horas — Sessão II Eco-Fisiologia ministrada pelo prof. José Luiz Vasconcellos da Rocha, diretor da Feagri/Unicamp, durante Simpósio sobre Manejo da Água na Agricultura. Local: Instituto Agronômico de Campinas.

Dia 19, Quinta-feira, 12,30 horas — Seqüência do "Projeto Básico 12,30" com apresentação do Grupo Origem. Local: Ciclo Básico.

Dia 20, Sexta-feira, 7 horas — Exame para obtenção do título de especialização da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, coordenado pelo prof. José Carlos Affonso Pereira. Centro de Convenções. (Deverá estender-se até o dia 22).

Dia 23, Segunda-feira, 14 horas — Videoart com o filme "Queimada", no Ciclo Básico.

Dia 24, Terça-feira, 20 horas — Tópicos de Medicina de Urgência, coordenado pelo prof. Paulo Cesar Rodrigues Palma. Centro de Convenções. (Deverá estender-se até o dia 26).

Dia 26, Quinta-feira, 12,30 horas — "Projeto Básico 12,30" com projeção do Grupo Mojave. Local: Ciclo Básico.

Dia 28, Sábado, 8 horas — Cirurgia de Plástica Ocular, coordenada pelo prof. Roberto Caldato.

Dia 30, Segunda-Feira — Videoart com o filme "Ascensão e queda do III Reich", no Ciclo Básico.

TESES

Teses Programadas — Estão previstas para os próximos dias as seguintes defesas:

"Termólise de hidroxossais de ferro III" — Tese a nível de mestrado. Candidato: Pompeu Pereira de Abreu Filho. Área de Química. Orientador: prof. Fernando Galembeck (IQ Unicamp). Dia 05/03, às 14 horas, na sala E. 305.

"História e memória nos manuais didáticos". Tese a nível de mestrado em Educação. Candidato: Izabel Aurora Branco Kilsztajn. Orientador: prof. Evaldo Amaro Vieira (FE/Unicamp). Dia 09/03, às 10 horas, no auditório da FE.

"Alfabetização como processo discursivo". Tese a nível de doutorado em Educação. Candidato: Ana Luiza Bustamante Smolka. Orientador: prof. Joaquim Brasil Fontes Júnior. (FE/Unicamp) Dia 12/03.

Teses Defendidas — Foram defendidas nas últimas semanas as seguintes teses:

"A Geologia introdutória dos livros didáticos no Brasil". Tese a nível de mestrado. Candidato: Carlos Alberto Lobão da Silveira Cunha. Orientador: profa. Rosália Maria Ribeiro de Aragão (FE/Unicamp). Dia 13/2.

"Estudo comparativo da percepção do clima organizacional e dos estilos administrativos, na liderança das escolas de 1.º grau de Piracicaba (Brasil) e Arica (Chile)". Tese a nível de doutorado. Candidato: Luis Fernando Piná Fierro. Orientador: prof. Charles Richard Lyndaker (FE-Unicamp). Dia 17/2.

"Caracterização elétrica de camadas epitaxiais de $^{In}0{,}71\ ^{GA}0{,}29\ ^{AS}0{,}63\ ^{P}0{,}37$". Tese a nível de mestrado. Candidato: Suhaila Maluf Shilibi. Orientador: prof. Mauro Carvalho (IF-Unicamp). Dia 10/2.

"Espalhamento inelástico de elétrons pelo átomo de magnésio: estudo das excitações 3^1P e $3P$". Tese a nível de mestrado. Candidato: César José Bonjuani Pagan. Orientador: profa. Gilda Meneses (IF-Unicamp). Dia 10/2.

"Aplicação do método Monte Carlo ao estudo de corrente induzida por feixe eletrônico em dispositivos semicondutores". Tese a nível de mestrado. Candidato: Gerald Weber. Orientador: prof. Carlos Ribeiro (IF-Unicamp). Dia 13/2.

"Estudo de efeitos não térmicos da radiação laser em tecidos vivos". Tese a nível de mestrado. Candidato: Mônica Alonso Cotta. Orientador: prof. Jorge Humberto Nicola (IF-Unicamp). Dia 24/2.

"Hematoporfirina e Derivados: propriedades ópticas e terapia fotodinâmica de câncer". Tese a nível de mestrado. Candidato: Denise Maria Zezell. Orientador: prof. Jorge Humberto Nicola (IF-Unicamp). Dia 27/2.

"Tolessemia Alfa e uma população negróide brasileira". Tese a nível de mestrado. Candidato: Maria de Fátima Sonati. Orientador: prof. Fernando Ferreira Costa (IB-Unicamp). Dia 10/2.

"Florística e Fitossocialogia de um cerrado marginal brasileiro, Parque Estadual de Vaçununga, Santa Rita do Passa Quatro — SP". Tese a nível de mestrado. Candidato: Antonio Alberto Jorge Farias Castro. Orientador: prof. Fernando Roberto Martins (IB-Unicamp). Dia 17/2.

"Tentativas de obtenção de precursores do ácido crisantêmico". Tese a nível de mestrado. Candidato: Ildenize Barbosa da Silva Cunha. Orientador: profa. Concetta Kascheres (IQ-Unicamp). Dia 11/2.

"Caracterização de óxidos de manganês (IV) suportador em polímeros". Tese a nível de mestrado. Candidato: Marcelo Ganzarolli de Oliveira. Orientador: prof. Fernando Galembeck (IQ-Unicamp). Dia 24/2.

"Gavetas vazias". Tese a nível de mestrado. Candidato: Tânia Pellegrini. Orientador: prof. Jesus Durigan (IEL-Unicamp). Dia 23/2.

"Estudos das tendências da obra infantil de Francisco Marins". Tese a nível de mestrado. Candidato: Franceli Aparecida da Silva Mello. Orientador: profa. Marisa Lajolo (IEL-Unicamp). Dia 26/2.

"Avaliação indireta do torque de motores diesel". Tese a nível de mestrado. Candidato: Eduardo Godoy de Souza. Orientador: prof. Luiz Fernando Milanez (FEC-Unicamp). Dia 25/2.

"Estudos de RMN de hidrogênio-1 e de carbono-13 de acetatos de metila-monossubstituídos". Tese a nível de mestrado. Candidato: Expedito Leite Silva. Orientador: prof. Roberto Rittner Neto (IQ-Unicamp). Dia 26/2.

"Biologia reprodutiva comparada de dois parasitóides de Drosophila: Trybliographa Brasiliense (Hymenoptera: Eucolidade) e Trichopria Drosophilae (Hymenoptera: Diapriidade)". Tese a nível de mestrado. Candidato: Gilberto de Souza Soares de Almeida. Área de Genética. Orientador: prof. Crodowaldo Pavan (IB-Unicamp). Dia 20/2.

"Características morfológicas e citoquímicas de espermatozóides de sêmen de bovinos de rebanho de elite e de gado Pé-duro". Tese a nível de mestrado. Candidato: Carmen do Monte de Carvalho Britto. Área de Biologia Celular. Orientador: profa. Maria Luiza Silveira Mello (IB-Unicamp). Dia 23/2.

"O método da colocação em espaços polinomiais por partes: aspectos gerais e aplicações a um problema parabólico não linear". Tese a nível de mestrado. Candidato: Edson Rodrigues Carvalho. Área de Matemática. Orientador: profa. Maria Cristina Cunha Bezerra (IMECC-Unicamp). Dia 6/2.

"Um método de elementos finistos misto para equações elíticas de 2.ª ordem". Tese a nível de mestrado. Candidato: Dimas Leopoldo Silveira. Área de Matemática Aplicada. Orientador: profa. Maria Cristina Cunha Bezerra (IMECC/Unicamp). Dia 20/2.

"Estabilidade de sistemas de equações diferenciais descontínuos". Tese a nível de mestrado. Candidato: Clarice Favareto. Área de Matemática. Orientador: profa. Sueli Irene R. Costa (IMECC-Unicamp). Dia 25/2.

"Modelagem e simulação de secadores pneumáticos verticais". Tese a nível de mestrado. Candidato: José Roberto Campanha. Área de Desenvolvimento de Processos. Orientador: prof. César Costapinto Santana (FEC-Unicamp). Dia 12/2.

"Desenvolvimento e estudo de um contactor de discos rotativos". Tese a nível de mestrado. Candidato: Luiz Mário Nelson de Góis. Área de Desenvolvimento de Processos. Orientador: prof. João A. F. Pereira (FEC/Unicamp). Dia 23/2.

"Um estudo dos problemas de modulação codificada utilizando o modelo de máquina seqüencial de Meaay". Tese a nível de doutorado. Candidato: João Batista Bezerra. Área de Eletrônica e Comunicações (FEE/Unicamp). Orientador: prof. Alton Soares Arantes. Dia 25/2.

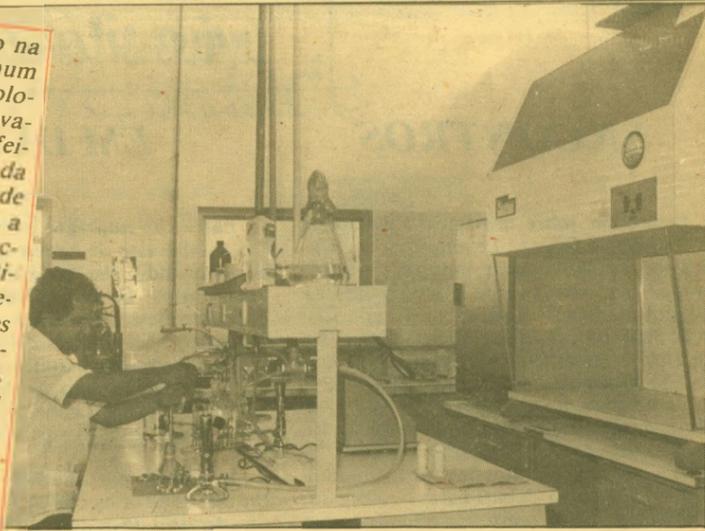
"Estudo metodológico de vidros vulcânicos pelo método do traço de fissão". Tese a nível de mestrado. Candidato: Ana Maria Osório Araya. Área de Física. Orientador: prof. Júlio César Hadler Neto (IF/Unicamp). Dia 25/2.

"Aspectos da função esplênica nas doenças falciformes". Tese a nível de mestrado. Candidato: Helena Zerlotti W. Grotto (FCM/Unicamp). Orientador: prof. Fernando Ferreira Costa (Usp/Ribeirão Preto). Dia 23/02.

FEA

A experiência de quem veio antes

Ciacco, o diretor: "Querem contratar meus alunos antes mesmo de se formarem".

Quando se fala em pioneirismo na área tecnológica, especialmente num país que investe tão pouco em tecnologia, há sempre o perigo da retórica vazia. Entretanto, a palavra cabe perfeitamente à Faculdade de Alimentos da Unicamp: ao ser instalada há cerca de 20 anos, ela tornou-se efetivamente a primeira instituição voltada para a tecnologia de alimentos na América Latina e também a primeira escola de engenharia de alimentos a instalar-se antes mesmo que os grandes centros mundiais de ensino pensassem em tal coisa. A precedência fez da FEA uma escola forte e deu-lhe uma posição real de destaque que foi mantida. "Hoje, sempre que se pensa na instalação de uma nova escola no setor, no Brasil ou fora dele, a Unicamp nunca deixa de ser consultada", diz o prof. César Francisco Ciacco, diretor da Unidade.

Boa parte das pesquisas desenvolvidas na FEA refere-se a melhoramentos de processos.

A história da FEA, a exemplo do que acontece com várias outras unidades da Unicamp, começa no ano da criação da Universidade: 1966. Embora o início das atividades dentro do campus da Cidade Universitária só ocorresse a partir de 1973, a FEA já funcionava em instalações emprestadas no Instituto de Tecnologia e Alimentos (Ital). A iniciativa e todo o trabalho de implantação da faculdade coube ao prof. André Tosello, a quem se credita também a instalação do Ital. Falecido em novembro de 82, o prof. Tosello apresentava duas características que o tornaram respeitado no meio acadêmico: dinamismo e capacidade para pôr em prática as idéias que a todo momento fluíam em sua cabeça. "Era um homem que sabia executar; além disso, tinha muito bom trânsito em todos os segmentos" lembra Theo Guenter Kieckbusch, primeiro professor contratado na FEA e hoje diretor associado da Unidade.

Além das dificuldades normais da implantação de uma escola, a FEA viu-se diante de outro obstáculo: preparar professores para atuar no ensino de uma tecnologia até então inexistente no Brasil e no Hemisfério Sul. Dessa forma, químicos, matemáticos, engenheiros químicos e mecânicos, veterinários, agrônomos e farmacêuticos, somados a um grupo de pesquisadores do Ital, compuseram o primeiro corpo docente da FEA. Na mesma época, o criador da Universidade e então reitor, prof. Zeferino Vaz, colocava em prática sua política de intercâmbio, trazendo para a Unicamp pesquisadores que trabalhavam na área de tecnologia de alimentos em instituições européias e norte-americanas. Ao mesmo tempo cuidou de enviar os professores da FEA para cursos de especialização e doutoramento nos Estados Unidos.

À parte o processo de multidisciplinaridade que foi contemplado na fase de constituição do corpo docente, dois outros obstáculos eram notórios: um de ordem financeira e outro relativo à divulgação da faculdade. Um importante convênio firmado com a Organização dos Estados Americanos (OEA) permitiu à FEA a aquisição dos primeiros equipamentos, cabendo à Unicamp a contrapartida de oferecer suas instalações para que estudantes latino-americanos pudessem vir estudar aqui (dez por cento dos alunos de Pós-graduação da Unidade são estrangeiros). "No início, dinheiro não foi problema", lembra o prof. Theo "a influência do prof. Tosello falava alto". O maior receio das pessoas que atuaram na implantação da FEA estava relacionado exatamente com a difusão dos projetos da escola. Era preciso convencer as indústrias da importância do profissional de Engenharia de Alimentos. Entretanto, para surpresa geral, a aceitação foi maior que a esperada: a primeira turma, de 13 alunos, foi imediatamente absorvida pelo setor. "O interessante é que foram admitidos com salários até superiores aos dos engenheiros químicos", recorda.

A boa aceitação do engenheiro de alimentos no mercado de trabalho persiste até hoje. Dos 44 graduandos do final do ano passado, 28 já estavam colocados antes de se formarem. "Esse fato chegou a nos causar problemas, pois as empresas queriam contratá-los antes mesmo de se formarem", ressalta Ciacco. Esse quadro não reflete, por outro lado, a realidade das alunas. Por incrível que pareça, ainda há preconceito por parte das indústrias. Segundo o diretor, a engenharia de alimentos é ainda frequentemente associada à nutrição ou à economia doméstica. A indústria reserva à mulher a área de controle de qualidade, evitando assim o contato com o operariado. "É uma bobagem que precisamos superar, pois as alunas deixam a faculdade tão preparadas quanto os alunos", argumenta.

Para o prof. Theo, vários fatores têm contribuído para a boa situação do engenheiro de alimentos no mercado de trabalho. Um deles é a política de prioridades adotada pelo governo, onde o alimento tem recebido atenção especial. O outro diz respeito ao currículo oferecido pela FEA. Segundo ele, a multidisciplinaridade na formação do corpo docente facilitou a aplicação de um ensino mais universal. O campo de atuação do engenheiro de alimentos no Brasil é muito amplo. Para que ele obtenha sucesso, é preciso que saiba de tudo um pouco. Embora o maior contingente de profissionais oriundos da FEA esteja voltado para a indústria, a Faculdade é responsável pela formação de 60% do pessoal que atua em pesquisas em Ciência e Tecnologia de Alimentos no Brasil. "Mas o quadro começa a se inverter porque os salários destinados aos pesquisadores não competem mais com as empresas privadas", diz o prof. Theo, explicando assim a evasão que se verifica hoje nos laboratórios do setor.

Theo: "Tosello era um homem que sabia executar".

Méritos na Pós

Não é por acaso que o maior contingente de pesquisadores ligados às instituições brasileiras na área saiu dos quadro de pós-graduação da FEA. Dos 75 professores, 32 são doutores, muitos com passagem por grandes instituições internacionais. Dos seis cursos de pós, a nivel de mestrado e doutorado, avaliados pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (Capes), somente um não recebeu grau "A" na última avaliação. A pós-graduação conta hoje com 211 alunos, dos quais 19 são estrangeiros.

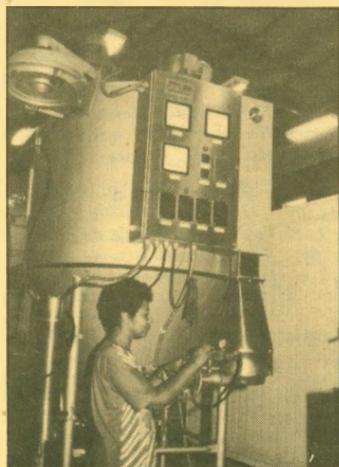
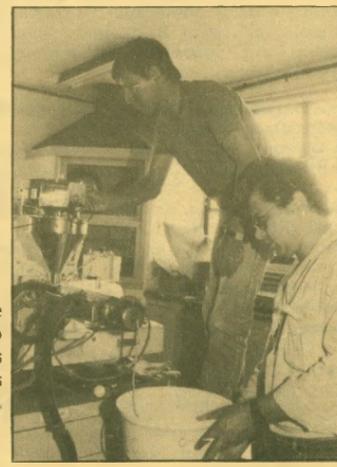
A FEA está hoje dividida em quatro departamentos: Engenharia de Alimentos, que se preocupa com equipamento e no momento trabalha com secagem, refrigeração e bioengenharia; Ciências de Alimentos, o mais básico dos quatro, com atuação nas áreas de química, bioquímica e microbiologia e toxicologia; Tecnologia de Alimentos, que se volta para o processamento e estuda o alimento como produto final; e o departamento de Nutrição e Planejamento Alimentar, que se dedica à nutrição humana e ao efeito que o processamento tem nas características nutricionais dos alimentos. Um quinto departamento transformou-se, há um ano, na Faculdade de Engenharia Agrícola.

Das inúmeras pesquisas desenvolvidas ou ainda em estudo pelos pesquisadores da FEA, algumas alcançaram boa projeção especialmente por sua aplicabilidade social. A vaca mecânica, que produz leite a partir da soja, é um exemplo disso. Para construí-la, foi preciso muita imaginação e criatividade. "Houve inúmeras adaptações", explica o prof. Ciacco, "onde entrou até mesmo uma velha máquina de lavar roupa". Hoje a "vaca" está aperfeiçoada e em torno dela foi instalada toda uma indústria de instrumentação e equipamentos.

Mais uma pesquisa de grande alcance constituiu-se na obtenção de proteínas texturizadas de soja. Trata-se do desenvolvimento de um processo através do qual se produz soja texturizada como substitutivo da carne em embutidos (salsicha, salame, lingüiça e principalmente carne de hamburger). O processamento do "Nutrimaiz" — espécie de milho híbrido desenvolvido em laboratório do IB-Unicamp é outra pesquisa que deu certo. Seu maior valor protéico e um rendimento acima das qualidades convencionais permitiram a obtenção de diversos produtos, entre eles os flocos de milho.

Outra pesquisa merece destaque: a produção de inseticida bacteriano, fruto de anos de trabalho da profa. Iracema Oliveira de Moraes, ex-diretora da Unidade. Trata-se do desenvolvimento do primeiro inseticida não tóxico brasileiro, podendo ser utilizado na maioria de nossas culturas, cuja produção é afetada, em média, pelas pragas, na ordem de 30% — tanto na colheita quanto na armazenagem.

Entretanto, são numerosas as pesquisas cujos resultados não se encontram em supermercados. Boa parte do trabalho desenvolvido na FEA concentra-se em melhoramentos de processos, estudos econômicos do uso de energia, otimização de secadores, estudos de controle microbiológico, desenvolvimentos de processo para isolamento e estabilização de corantes utilizados como insumo na própria indústria de alimento etc.

No momento, a diretoria da FEA está preocupada em criar uma literatura didática específica para o curso de Engenharia de Alimentos. Segundo Ciacco, nem mesmo no exterior essa literatura existe. Todo o material aplicado é produto de uma coleta bastante selecionada de outros cursos. "Queremos aproveitar os recursos humanos aqui existentes e deixar um registro", diz Ciacco. "Estamos empenhados em criar um material didático para que a profissão se consolide". Preocupado com isso, o corpo docente da FEA produziu recentemente doze títulos que estão em vias de publicação. Mesmo assim, esse material não será suficiente para compor a biblioteca básica do curso de Engenharia de Alimentos.

Muitas das pesquisas da FEA tornaram-se conhecidas por sua alta aplicabilidade social.

A FEA responde pela formação de 60% dos pesquisadores brasileiros na área.